



que floresce
do Cadáver
de Deus



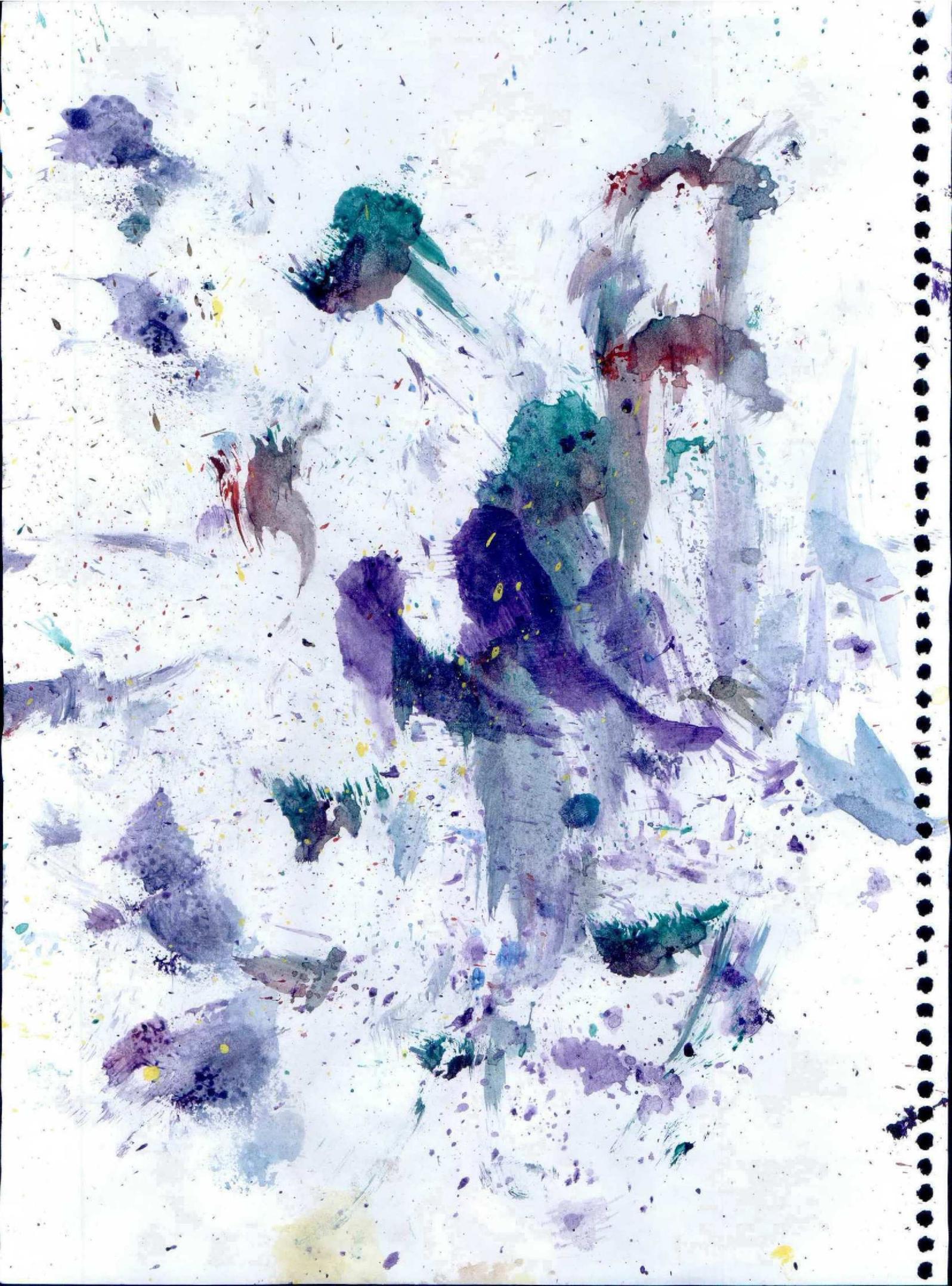




UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
BRUNO ARMANDO DIAB PAPINI

**O QUE FLORESCE
DO CADÁVER
DE DEUS**

PORTO ALEGRE, 2019



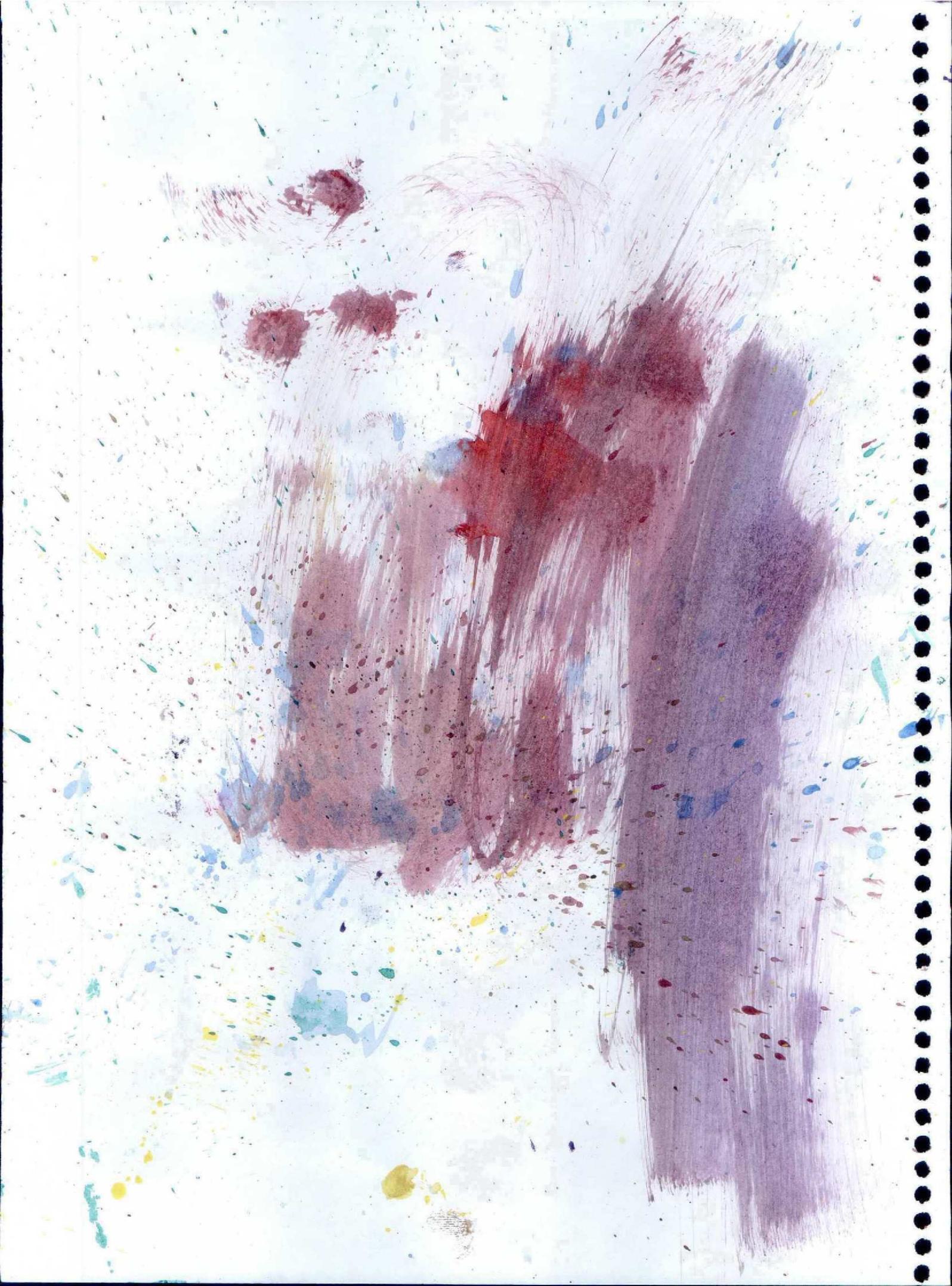
BRUNO ARMANDO DIAE PAPINI

O QUE FLORESCE DO CADÁVER DE DEUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção de título de psicólogo

Orientador: Luis Artur Costa

Comentadora: Camila Maggi Nogueira



Agradecimentos

Agradeço a minha companheira, meu amor, Carolina Maciel Tocchetto por ser um grande exemplo de força criativa na minha vida. Fez parte ativamente da viagem que foi fazer esse escrito e é autora da ilustração desse trabalho. Leu textos comigo em voz alta, me emprestou suas referências, me emprestou seus conhecimentos sobre a medicina, sobre a ginecologia, sobre gênero. Me emprestou suas referências, seu afeto, sua força e sua inteligência para me ajudar nessa composição. Esse escrito é um prolongamento de conversas inesquecíveis que adentraram madrugadas regadas de psicotrópicos. Seriam essas conversas infinitas se não fosse o limite do cansaço. Agradeço também por me provocar a pergunta de ponta desse trabalho: "Para que serve tudo isso?"

Agradeço ao meu orientador, professor e amigo Luis Artur Costa, o qual desde o início do curso tive admiração. Agradeço por me emprestar sua inteligência e sua incrível capacidade de *viajar*. Agradeço por me provocar movimento, por me perturbar, e por me encorajar a escrever aquilo que acredito. Por ver sentido em ideias tão difusas e desordenadas que me atentavam o pensamento. Por dar lugar para a invenção, e junto comigo inventar esse trabalho. Por me ensinar sobre ética e diferença. O escrito também é fruto de nossas sempre agradáveis e infinitas conversas.

Agradeço a meu irmão, Pedro Augusto Papini, por me ensinar sobre Agamben, me emprestar setes livros, seu amor, sua inteligência e sua coragem. Nas entranhas desse escrito, estão nossas conversas filosóficas de quando éramos crianças: "Por que temos que amar o lugar onde nascemos?"

Agradeço ao meu querido amigo Victor Hipólito Muguierza por sempre compartilhar comigo suas ideias, seu afeto, sua inteligência e por me dar confiança e força. Certa vez disse que ele é como um feiticeiro e eu como um bruxo que já nasce com a magia. O dizer me deu coragem, pois parecia que eu já tinha o que era necessário para escrever.

Agradeço a Camila Maggi Noguez, comentadora desse trabalho, por me dar o privilégio de aceitar o convite para fazer parte dessa conversa.

Escrever para mim é conversar. Obrigado a todos que escreveram comigo.

Dedicatória

É com grande tristeza que escrevo essa dedicatória. Acabo de descobrir que meu querido e amado tio Vilmar morreu na madrugada do dia 17 de novembro de 2019.

Sempre contei sua história com certo orgulho por ser sobrinho de um filósofo e escritor. Vilmar Figueiredo de Souza fora seminarista durante um longo período de sua vida. Tornaria-se Padre. No entanto, uma semana antes de sua formatura, desiste da ideia para seguir um caminho que poderia ser chamado de oposto ao de tornar-se Padre.

Durante este ano (2019), almoçamos juntos algumas vezes. Pedia que ele orientasse meu TCC. Visto que tinha grande admiração por sua trajetória e ambos compartilhávamos um certo ranço quanto a Deus, pois eu também já fora um fervoroso cristão. Nos almoços ele insistia:

“Tu lê Freud, Lacan, Foucault, esses caras aí, mas essa é a verdade *deles*. Qual é a *tua* verdade?! Entende o que eu quero dizer? Porque se fosse pra seguir a verdade do outro, seja de quem for, eu tinha me tornado Padre. É a tua verdade que importa. Entende?”

Nos últimos meses antes de falecer, trazia sempre consigo, em seu bolso, um poema do Drummond que se dera o trabalho de imprimir. Sempre insistiu na ideia de que ninguém tinha salvação e que precisávamos encarar esse vazio, mas curiosamente ele se ria todo dizendo que esse poema era o que ele chamou de “Salvação pela Bobagem”.

Consolo na Praia

“Vamos, não chores.

A infância está perdida.

A mocidade está perdida.

Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.

O segundo amor passou.

O terceiro amor passou.

Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis carro, navio, terra.
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o humour?

A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.

Tudo somado, devias
precipitar-te, de vez, nas águas.
Estás nu na areia, no vento.
Dorme, meu filho."

Com lágrimas nos olhos, faço desse trabalho uma homenagem pra ti, tio.

À minha verdade. À nossa bobagem. Com muito muito muito amor do seu sobrinho.

Obrigado, tio Vilmar.

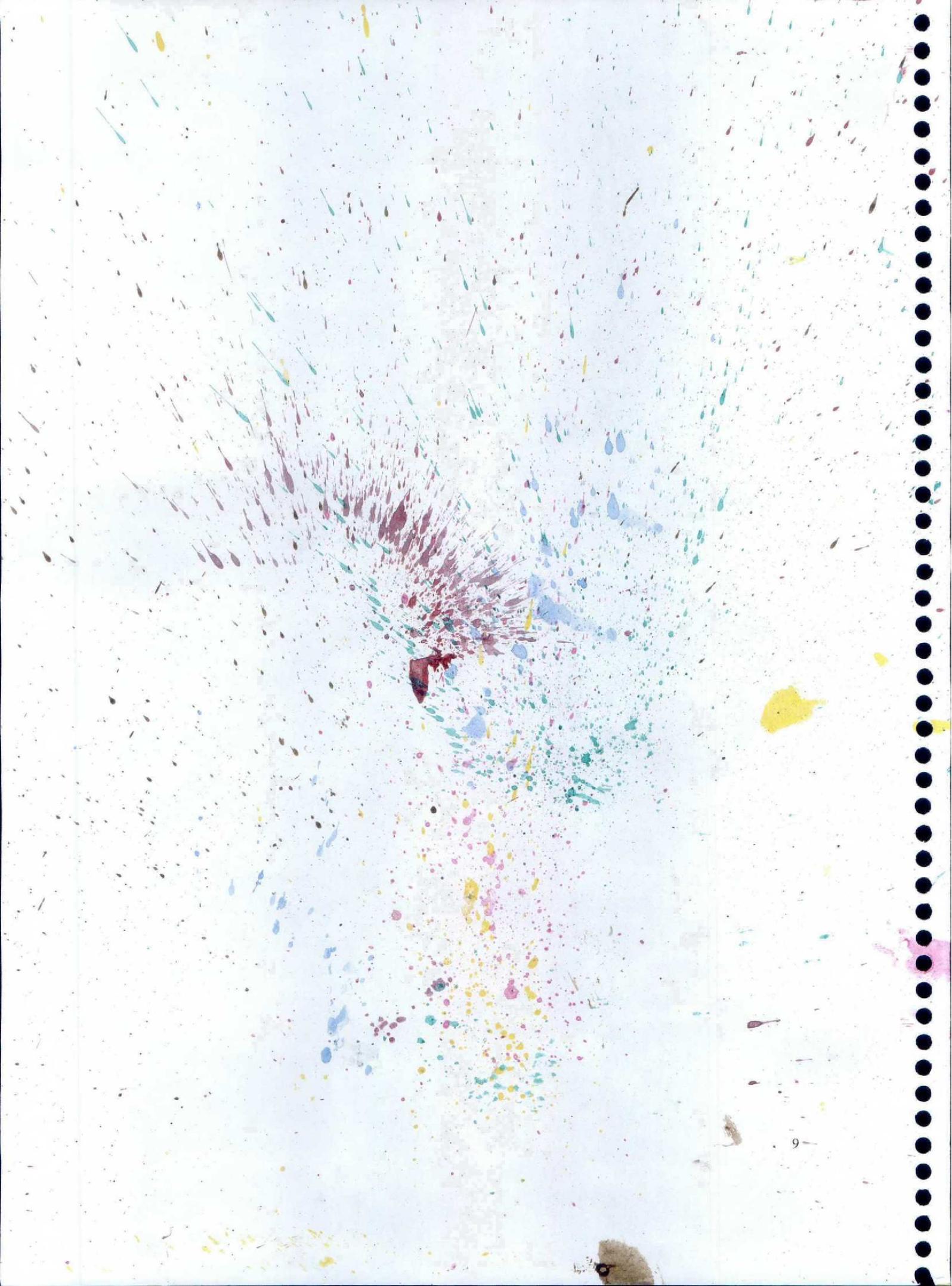


Sumário

Resumo	10
Introdução	12
Parte 1: A Vida de Deus	16
1 - Sobre a revolução dos corpos celestes.....	18
2 - Don't Tread On Me.....	21
3 - Investigações de um ideal de Eu: o homem-macho branco colonialista.....	24
4 - Operação Margem Protetora.....	27
Parte 2: A Morte de Deus	34
1 - Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas.....	36
2 - O Veneno dos Homens.....	37
3 - Espéculo de Simas: o que nenhum homem havia visto antes.....	44
4 - O Édipo-Cristo.....	50
Referências Bibliográficas	65
Anexos	70
Anexo 1.....	70
Anexo 2.....	71
Anexo 3.....	72
Anexo 4.....	73
Anexo 5.....	74
Anexo 6.....	75



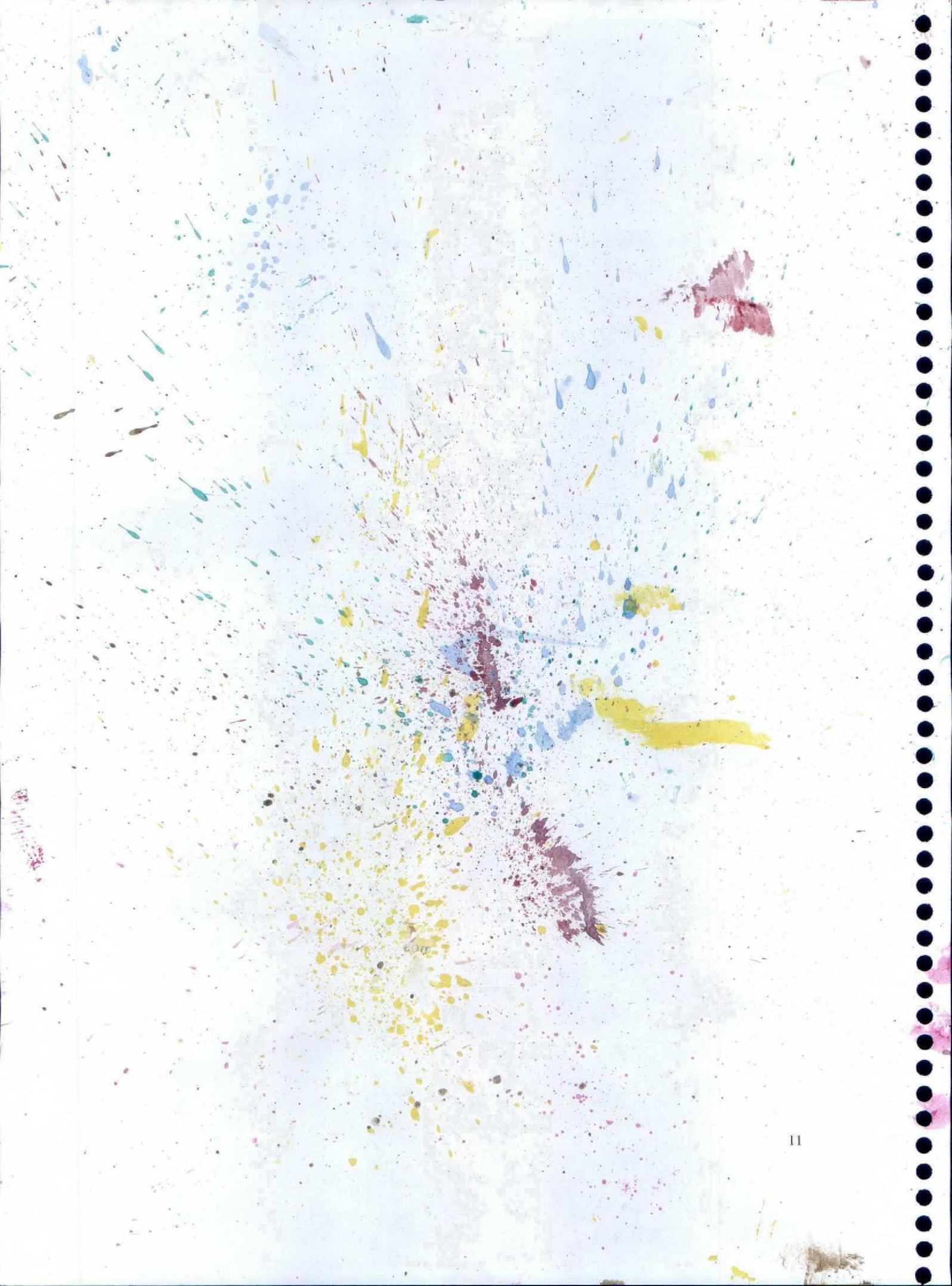
“Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez” (José Saramago em O Evangelho Segundo Jesus Cristo, p. 445)



Resumo:

O Objetivo aqui é tornar complicada a ideia da vida e da morte de Deus. Tensionar sua morte e tensionar sua vida. Nem mesmo o mais convicto dos ateus ocidentais está livre dessa criatura, nem o mais apaixonado cristão carrega Deus plenamente vivo dentro de si. Sua vida será trabalhada a partir do aspecto do Ressentimento de sua imagem e semelhança e a hipertrofia do seu cadáver vivo, e sua morte a partir de dois aspectos distintos: 1- Enquanto Totem, que seria a própria indiferenciação entre o nascimento e a morte de Deus e 2- Sua morte enquanto a propositiva de uma ética ateísta frente aquilo que o define: onipotência, onisciência e onipresença. Desse último aspecto, floresce o território ético do trabalho. Por conseguinte, usaremos outros nomes para definir as fronteiras de Deus, pois será *outro*, será *objeto*: Homem, Branco, Razão, Alma, Ciência, Ordem, Asséptico, Pai, Laio, Médico etc. Partimos do terreno estético de que esse mundo não é sua imagem e semelhança, mas uma infinidade de formas e cores repetidas enquanto diferença. Serão revisitados mitos, como de Hércules, Jesus Cristo, Adão e Eva, Édipo e Noé, em uma viagem que atenta às vicissitudes colonialistas e patriarcais das estórias que nos contam, visto que Deus é um patriarca branco colonialista desfilando pela cidade em uma limusine blindada.

Palavras chave: Deus, Patriarcado, Cristo, Édipo, Eva, Cobra, Ressentimento, Ciência, Colonialismo, Razão.



Introdução

Pôr primeiro é preciso explicar o título desse trabalho: “o que floresce do cadáver de Deus” é uma frase que pressupõe a morte dessa divindade. No entanto, não é exatamente isso que será encontrado quando percorrermos o escrito. Pelo contrário, o trabalho navega por territórios em que Deus impera como um soberano sádico, em que é possível elucidar sua presença nas vísceras desses continentes. De certa forma, o ensaio dá a sensação de que Deus está muito mais vivo do que aparenta.

É preciso tornar mais complicada a vida e a morte de Deus. O terreno é esburacado, por vezes movediço, com infinitudes de relevos. Nem o mais convicto dos ateus ocidentais está livre dessa criatura, nem o mais apaixonado cristão carrega ele plenamente vivo dentro de si. O conceito fechado de morte e vida, como entendemos usualmente, não nos é útil nesta difícil tarefa de compreender essa criatura.

A vida de Deus será trabalhada a partir do aspecto do Ressentimento de sua imagem e semelhança. A morte de Deus, a partir de dois aspectos:

1- Enquanto Totem¹, que seria a própria indiferenciação entre o nascimento e a morte de Deus, um ser *natimorto* hipertrofiado. Um cadáver vivo.

2- Enquanto a propositiva de uma ética ateísta frente aquilo que define Deus: onipotência, onisciência e onipresença.

Desse último aspecto, floresce o território ético do trabalho: não somos *uma* imagem e semelhança de Deus, mas uma infinidade de imagens e semelhanças teimosas que insistem em nunca formarem equivalência. Partindo da filosofia da diferença proposta por Gilles Deleuze, onde a diversidade é tão fatal quanto a tragédia. Não há mais retorno. Estamos condenados a sempre mudar, seja isso *bem*, seja isso *mal*, ou seja para muito *além do bem e do mal*. O que importa sempre serão as flores que iremos colher do infinito das cores.

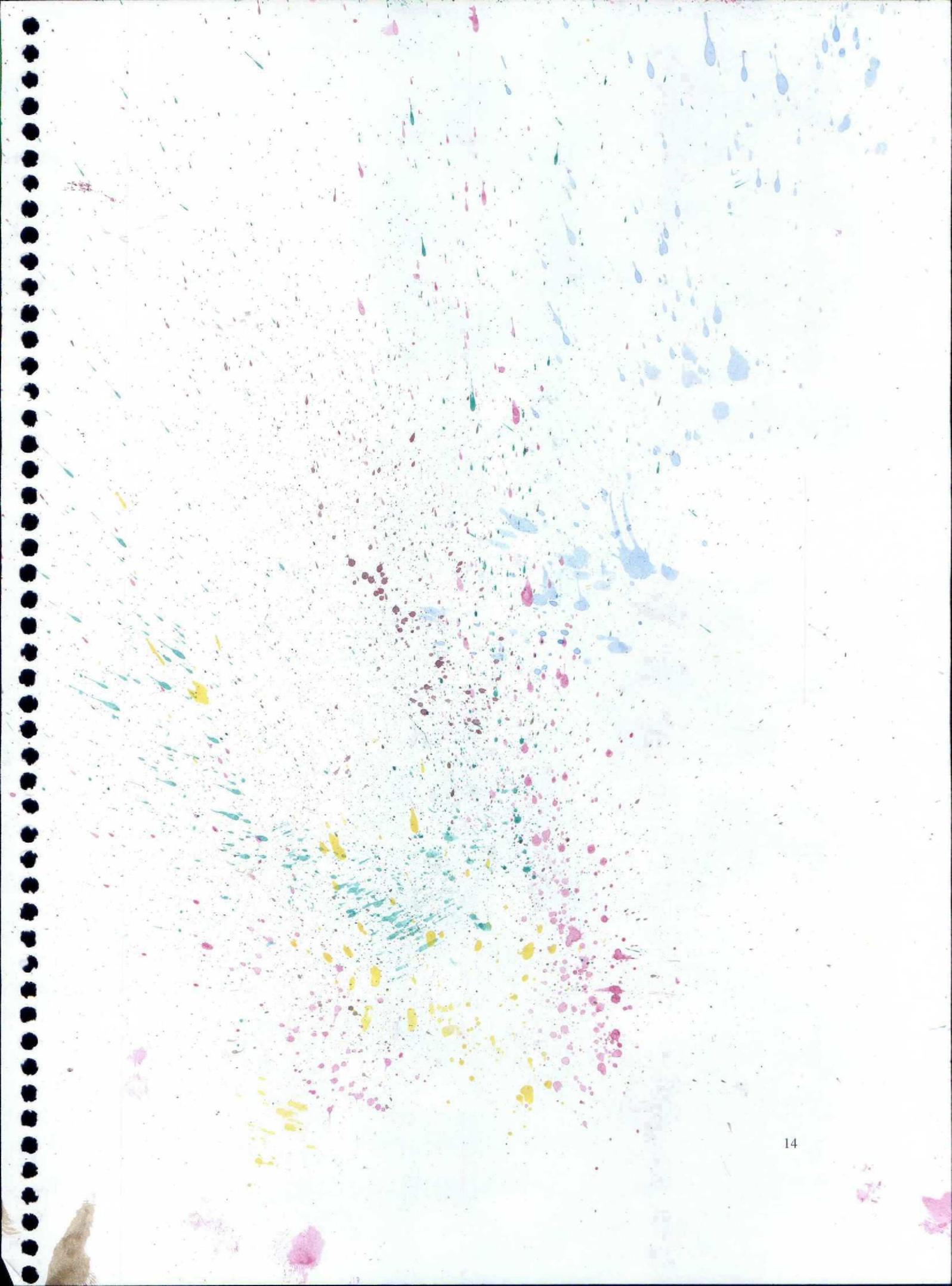
Se Deus é apenas *um* entre tantos, seria um contrasenso chamá-lo de Deus. Por isso, não falaremos, sequer uma vez o seu nome em vão, nesse escrito. Usaremos seu nome quando

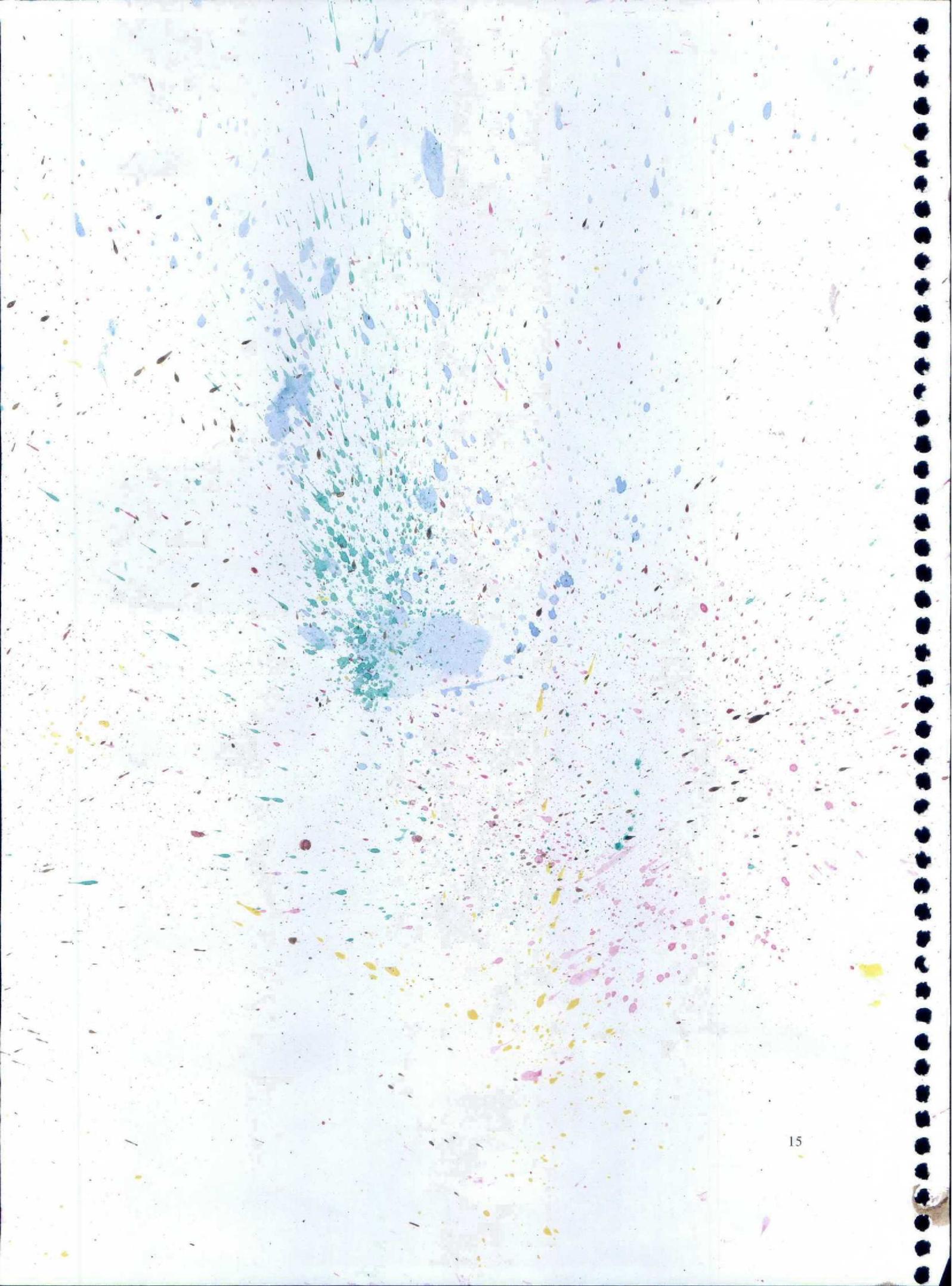
¹ Perspectiva freudiana.

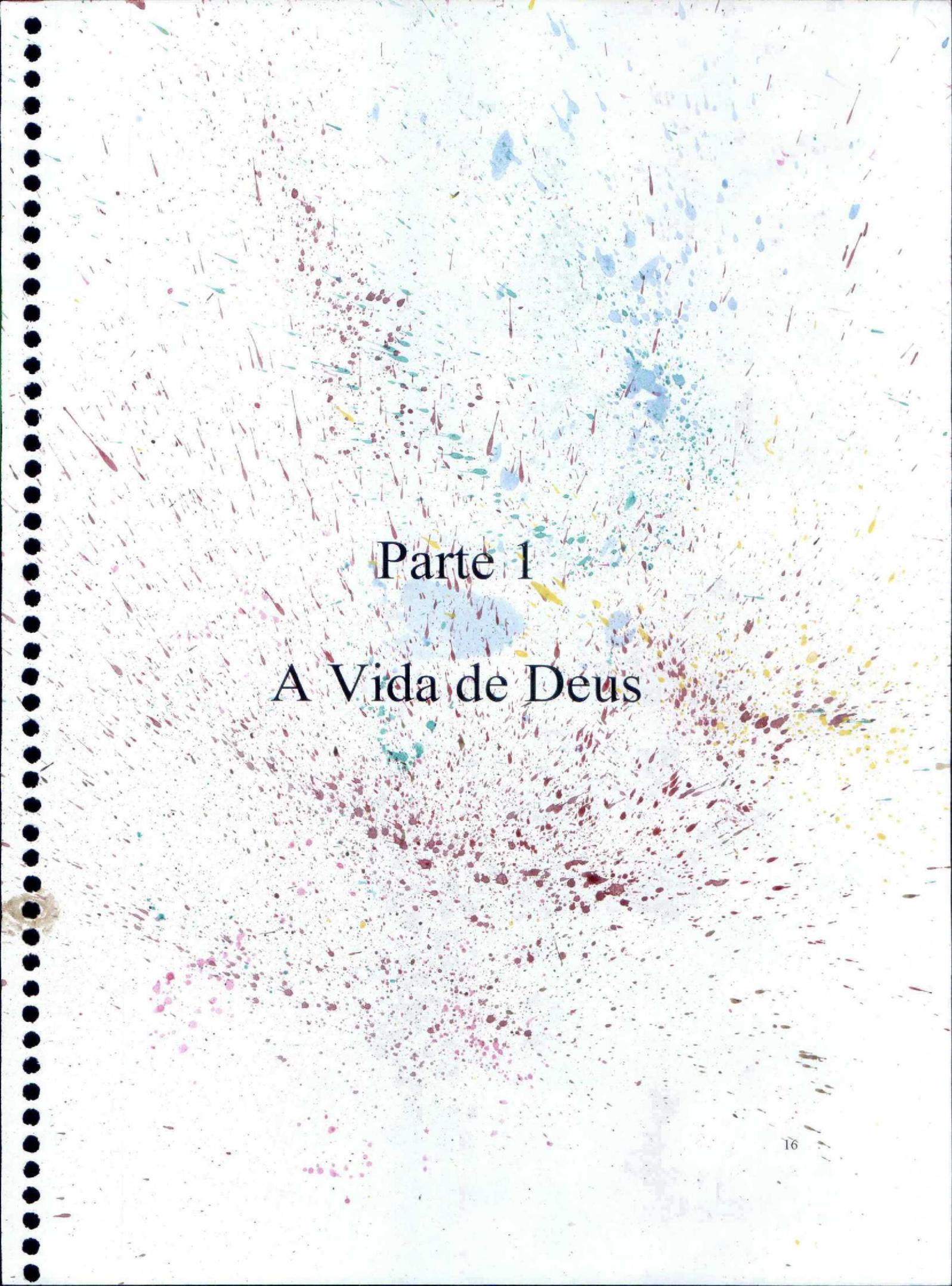
estritamente necessário para entender como deste florescem outros nomes: Homem, Branco, Europeu, Pai, Razão, Alma, Ciência, Ordem, Proprietário, Estado, Soberano, etc. Faremos de Deus um *outro* que modula nossa relação de produção das alteridades. Deus será *objeto* da ética desse trabalho. Serão revisitados mitos, como de Hércules, Jesus Cristo, Adão e Eva, Édipo e Noé, em uma viagem que atenta às vicissitudes colonialistas e patriarcais das histórias que nos contam. Nasce um Deus *nátimorto*, que sofreu uma hipertrofia até tornar-se um patriarca branco colonialista, que desfila *vivo* pela cidade em uma limusine blindada.

Nem de longe afirmo aqui um ateísmo que se diz cético e científico. O escrito mostra o quanto fervorosos crentes são os ateus que tem a ciência como Deus. Também não estamos aqui para ridicularizar a fé, por mais ofendidos que fiquem os possíveis cristãos que irão ler esse trabalho. Pelo contrário, aqui a afirmação é de que em tudo há fé, e em toda fé existe uma ética, existem flores para se colher. Se escrevo é porque acredito!

Partindo da crença, faremos um mapa que constitui a si mesmo durante o escrito, para que o leitor caminhe por onde achar que deva caminhar, ler como achar que deva ler, entender como achar que deva entender. Convido a quem ler que seja uma das cores do trabalho. Rabisque, pinte, brinque com as palavras e com o pensamento. Plante e colha uma flor que germina sob o cadáver desse escrito.

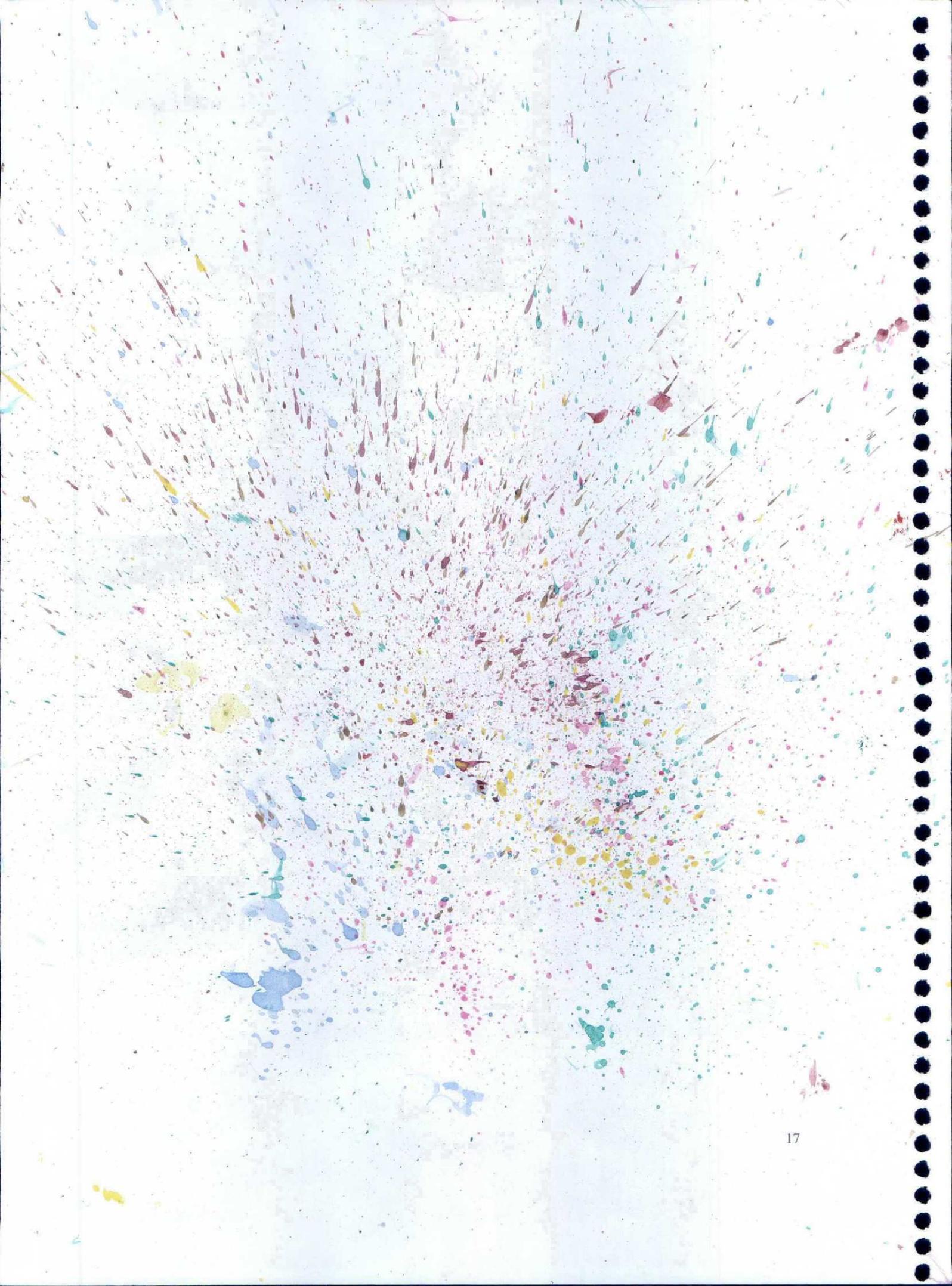






Parte 1

A Vida de Deus



Sobre a revolução dos corpos celestes

1.1 E sejam para luminares na expansão dos céus, para alumiar a terra; e assim foi. E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e as estrelas. E Deus os pôs na expansão dos céus para alumiar a terra, E para governar o dia ea noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom (Bíblia, Gênesis, 1, 15-18)

1.2 Um Observador que ao localizar o luminar maior (que governa o dia para a terra) pela manhã, ao meio dia, e ao fim do dia, poderá concluir que esse luminar move-se de um ponto a outro no decorrer do tempo. O mesmo Observador, poderá tirar a mesma conclusão quando se trata do luminar menor e as estrelas (que governam a noite para a terra).

Um Observador que gira 360 graus, vê tudo o que está ao seu redor. Vê tudo o que não é um Observador.

Um Observador... sabe o que é ser "Um Observador"? Sabe algo sobre possuir um nome próprio? Ele sabe quem é e onde está? Existe *Um* Observador? Ou sempre será *O* Observador?

1.3 O cristianismo passa a ser a religião oficial do império Romano através do Édito Tessalônico. Deixa de ser uma religião perseguida para ser perseguidora de outros credos. Um século antes, o greco-egípcio Cláudio Ptolomeu, publica o *Almagestó*. O livro é uma síntese das idéias de pensadores gregos. Um dos filósofos era Aristóteles, que postulou a idéia de que a Terra seria o centro do universo e que todos os corpos celestes girariam em torno do nosso planeta: o geocentrismo. (Kirtland, 1925) Essa ideia corrobora com textos bíblicos, em que a criação do nosso planeta é central na obra de Deus. Os conhecidos astros estavam para servir a Terra. Uma nova concepção sobre o tema surge no fim da Idade Média, período em que a religião cristã exercia grande influência.

Nicolau Copérnico lança o livro *Revolutionibus Orbium Coelestium* (Sobre a Revolução dos Corpos Celestes), que consta a perspectiva do heliocentrismo. O físico refuta a ideia de que a Terra seria o centro do universo (Kirtland, 1925). Para Nietzsche, Copérnico foi o maior vitorioso, contra a aparência sensível.

A refutação físico-matemática do geocentrismo, para a qual contribuem decisivamente as hipóteses de Copérnico, tem contra si justamente o testemunho dos sentidos: vemos efetivamente que o Sol gira em torno da Terra. Para que se possa pôr em questão a prodigiosa força de convencimento de um testemunho dessa espécie, é preciso dispor de uma teoria que seja muito mais forte e consistente do que a evidência empírica imediata. (Giacoia, 2004, p. 52)

Os terraplanistas travam uma revanche, um segundo round, contra Copérnico. Apoiam-se em um auto-perspectivismo radical, a partir da Bíblia e do método da Navalha de Occam, um princípio lógico e epistemológico que afirma que a explicação para qualquer fenômeno deve pressupor a menor quantidade de premissas possíveis. Visualizam um horizonte retilíneo, concluem que todo o solo é plano. Vêem um céu azul, tal qual a cor dos oceanos, e afirmam que o céu é composto por águas. Um domo segura essas águas para que não caiam em nossas cabeças.²

1.4 Deus cria o homem, *macho e fêmea*, à Sua própria imagem. (Bíblia, Gênesis, 1, 1)

Pensadores do fim da Idade Média que contestavam filosofias cristãs, como o geocentrismo, inauguram um período histórico chamado de Iluminismo. O período é marcado por pensadores com a perspectiva antropocêntrica (o homem no centro do universo), que tinha a proposta de se opor ao teocentrismo (Deus no centro do universo). A época coincide com as grandes navegações da Europa. Os europeus começam a olhar para o mundo que está ao seu redor com olhos antropocêntricos e eurocêntricos. O *homem-macho* europeu entra em contato com o *outro*.

Mais sobre terra planismo em:
https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=758618387902048&id=570286820068540&__tn__=K-R e
em <https://www.youtube.com/watch?v=yuw9BCpSbMA&t=>

O palestino Edward Said (1990), em seu livro "Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente", disserta sobre a visão antropocêntrica européia do *homem-macho* que se depara com o *outro*: " ... temos um Homo sinicus, um homo arábicus (e por que não?, um homo aegypticus, etc), um Homo africanus, e o *homem*, o *homem normal*, bem entendido, fica sendo o homem europeu do período histórico, isto é, desde a antiguidade grega". (p. 106-107)

O *homem-macho* desloca o geocentrismo ao antropocentrismo eurocêntrico e coloca-se como um substituto de Deus. Esse ser está fixo no centro do universo e é a imagem e semelhança de Deus. É homem, é branco, é pai e todo poderoso. É o ponto 0 do plano cartesiano, onde a partir dele medem-se os números e as coisas. O observador *homem-macho*, que testemunha o sol girando ao redor de si e comete o engano de tomar a Terra como centro do universo, tem o mesmo *nome próprio* desse que observa o *outro*. O *homem-macho* torna-se ele mesmo o próprio Deus.

O ciclo fechado do que é eternamente idêntico torna-se o sucedâneo da onipotência. É como se a promessa, feita pela serpente aos primeiros homens, de se tornarem iguais a Deus houvesse sido resgatada com o paranóico, que cria o mundo todo segundo sua imagem. (Adorno e Horkheimer, 1985 Apud. Maria Aparecida Silva Bento, 2002 -p.15).

2

Don't Tread On Me

2.1 Embora a Inglaterra tivesse vencido a Guerra dos Sete Anos, saiu altamente endividada. Os ingleses aumentam os impostos para os produtos americanos. As elites das colônias ficam insatisfeitas. O quadro culmina no que foi chamado de Revolução Americana (Silva, 2019), encabeçado por George Washington, Thomas Jefferson e James Madison, os porta-vozes da liberdade e da igualdade nas colônias. Washington era o Comandante chefe do Exército Continental. O comandante trocava cartas com seu general da Carolina do Sul, Christopher Gadsden.³

Gadsden entrega uma bandeira para Esek Hopkins, que foi quem conduziu a primeira nau no início da revolução saqueando navios ingleses. A bandeira de fundo amarelo, é contornada em preto por uma cascavel enrolada em si mesma em posição de ataque.⁴ Os dizeres embaixo da cobra são traduzidos como "Não pise em mim"⁵. Os colonos americanos eram chamados pelos europeus de cobras em sentido pejorativo. Para os Ingleses, os colonos representavam a escória da europa. Gadsden apropria-se do sentido que tinha a serpente para marcar uma ameaça aos aos ingleses.

As colônias vencem a guerra e declaram a independências dos Estados Unidos da América. O fato é legitimado com a Declaração de Independência. No documento consta o seguinte parágrafo:

"Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade." (p. 1)

Hopkins, Comodoro da Marinha, que liderou o primeiro ataque à coroa inglesa sob a bandeira da cascavel, era traficante de escravos. Christopher Gadsden, que criou a bandeira, era

³ Carta de Washington a Gadsden em <https://founders.archives.gov/documents/Washington/04-06-02-0415>

⁴ Anexo 1

⁵ Don't Tread On Me. Tradução minha.

⁶ A imagem hoje é usada como símbolo do movimento anarcocapitalista.

proprietário de escravos. Assim como George Washington, Thomas Jefferson e James Madison. E foram durante todo o período de suas vidas (Morgan, 2000). A belíssima declaração de independência dos Estados Unidos, que defende a igualdade e as liberdades individuais, e a escravização de negros africanos coexistiram por quase 100 anos.

2.3 Como é possível sustentar-se enquanto escravocrata aquele que defende as liberdades individuais? Não haveria uma confusão do Eu? Ou uma conveniente divisão? Uma negação?

Freud (2019), em *Das Unheimliche* (O Infamiliar), aponta outro (ou o mesmo) paradoxo. Na linguagem alemã, o radical *heimliche* sustenta como significado tanto algo representado da ordem do familiar, do conhecido, não-velado, quanto algo da ordem do seu oposto: o infamiliar, desconhecido, estrangeiro. O psicanalista descreve o sentimento de Infamiliar como aquele que “estrangeira-se” a si mesmo, trazendo o *outro* como resquício do Eu.

Freud usa da literatura de E. T. A. Hoffmann (2019), em conto o Homem da Areia, para desdobrar o que significa o *infamiliar*. A obra de Hoffmann trata de um homem, Nathaniel, obcecado por Olímpia, a filha de seu professor de filosofia. O apaixonado Nathaniel passa dias a fio conversando com Olímpia, certo da reciprocidade da paixão da moça, que durante todo o conto só balbucia as interjeições “Ah.. Ah...” e a frase “Boa noite, meu querido”. Nathaniel está muito satisfeito com seu novo conchavo, visto que esse não era como sua futura e traída noiva, Clara, quem disfarçava bocejos com tosses, dava comida aos gatos, tricotava, enquanto Nathaniel lia seus sonetos. Não, Olímpia mostra-se uma esplêndida ouvinte. Afinal, “O que são as palavras - palavras?! O olhar dos seus olhos divinos diz mais que qualquer língua”. (Hoffmann, 2019)

Olímpia era um autômato.

Freud aponta que Hoffmann traz a relação de ambos para ridiculizar a hipervalorização do amor de Nathaniel. No entanto, o autor instiga questões importantes sobre alteridade ao trazer tão genuína paixão investida em um ser inanimado. Que paixões o *outro* pode nos despertar? O que essas paixões revelam sobre nós? Quem somos nós? Quem são os outros?

Nathaniel identificou-se com Olímpia, ao passo que a reconheceu como um *outro*. Ela é seu olhar. Seus olhos. Uma parte cingida e muito cara do Eu do personagem, que agora lhe é

objeto. O duplo. Um *outro* semelhante e diferente, “a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu, ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu.” (Freud, 1919).

O autor de *Das Unheimlich* trabalha a noção de duplo e de infamiliar através do complexo de castração. No narcisismo primário, período de um amor infinito por nós mesmos (Freud, 1919), e não diferenciação entre o *eu* e os objetos, entre o *eu* e o *outro*, é que se pode perceber os primeiros indícios do duplo. Lentamente o Eu vai ganhando uma instância singular, que pode radicalmente contrapor-se com o restante do Eu. O processo gera uma cisão. O duplo é uma divisão incompatível com o Ideal de Eu e é banido ao recalcado que retorna como *infamiliar*.

Hoffman (2019) trabalha a idéia do autômato e nos revela um aspecto da alteridade que se dá como um espelho torto. O olhar para o *outro* é olhar para aquilo que lhe é próprio e estranho. Por vezes, esse *próprio* carrega tons mal-cheirosos, marcas de putrefação, violência, preguiça, desordem, valores que podem ser incompatíveis com um ideal de Eu, mas que são próprias do Eu. É como uma *terceirização* das marcas que causam desprazer e, ao mesmo tempo, uma sublimação para elas.

Nesse Eu dividido, sustenta-se a figura do homem-macho branco colonialista, que carrega em si a luta pelas liberdades individuais e a escravização do *outro*, d@ negr@ african@. As contradições ganham lugar na negação de si mesmo através da alteridade. O homem-macho terceiriza aquilo que é incompatível com seu Ideal de Eu, encarnando esse Ideal onipotente. Ganha a possibilidade de ser “O” Observador⁷ e toda a dignidade de ocupar esse lugar, pois institui uma alteridade “*desideal*”, com marcas *impuras*, indignas de falarem de si.

⁷ supracitado

3

Investigações de um ideal de Eu: o homem-macho branco colonialista

3.1 “Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne chegou perante a minha face, porque a terra está cheia de *violência*; e eis que os desfarei com a terra.” (Bíblia, Gênesis, 6, 11)”

3.2 Em 2015, a revista *Veja* lança uma reportagem especial que antecede os ataques que a França realizaria em território sírio. A chamada na capa diz: “A CIVILIZAÇÃO CONTRA O TERROR. *O grande desafio das democracias agora é esmagar o Estado Islâmico sem perder as virtudes ocidentais de tolerância, pluralismo e liberdade.*”⁸

As cores de fundo são brancas. Centralizado entre esquerda e direita, há uma bomba com rastros acima, indicando que ela está caindo. No centro da *bomba*, está uma *pomba* carregando uma folha de oliveira no bico. A bandeira francesa localiza-se na ponta superior da bomba.

3.3 “E a pomba voltou a ele à tarde; e eis, arrancada, uma folha de oliveira no seu bico; e soube Noé que as águas tinham minguado sobre a terra.” (Bíblia, Gênesis, 8, 11)

A pomba anuncia o fim dilúvio. A obra genocida de Deus está concluída. Os humanos sobreviventes eram apenas Noé, que aos olhos de Deus era o *justo* (Bíblia, Gênesis), e sua família. Todo o resto encontra-se afogado ou soterrado.

Deus excede-se no detalhe. Por puro capricho, fúria, ou, talvez, desleixo, não aniquila somente aqueles que em seu entendimento “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Bíblia, Gênesis, 6, 5), mas também aqueles que, certamente, não duvidava da inocência. Cachorros, gatos, cobras, ratos, bois, vacas, aves, cavalos, ovelhas e todos os outros animais não humanos da sua obra prima, foram o *efeito colateral* da investida de Deus.

⁸ Anexo 2

As águas do dilúvio baixaram, já se pode ver os corpos.

“Eles estavam por toda parte - na estrada nos becos, nos cômodos das casas destruídas, embaixo de destroços, nos vazadouros de lixo. Para nós de contar depois do centésimo cadáver. Mulheres, rapazes, bebês e velhos jaziam espalhados onde quer que olhassemos em terrível profusão” (Fisk, 2005. Apud Susan Abulhawa, 2009, p. 341)

(...)“Teríamos aceitado alguns poucos assassinatos, uma dúzia de mortos no calor do combate. Mas ali estavam mulheres caídas em suas próprias casas, com as saias rasgadas até a cintura e as pernas abertas, crianças com gargantas cortadas, filas de meninos metralhados pelas costas junto a um paredão de execução. Havia bebês com seus corpinhos escurecidos já em estado de decomposição - atirados em pilhas de lixo em meio a latas de ração do exército americano, material médico israelense e garrafas vazias de uísque.” (Fisk, 2005. Apud Susan Abulhawa, 2009, p. 342)

Um névoa fétida levantou da putrefação intensa. A atmosfera era densa; tateava-se o mal cheiro com a pele do rosto enquanto se caminhava entre os cadáveres. O *justo* andava entre os corpos das cidades. Deus o observava. Noé caminhando sob uma pilha de corpos era sua imagem e semelhança. Era seu espelho. Tal qual os corpos, antes vivos, que Deus os reconhece como violentos e sente arrependimento de tê-los criado: “E arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração” (Bíblia, Gênesis, 6, 6)

3.4 As peças da cena nos revelam o *grande desafio de esmagar sem perder as virtudes*. O mal-estar de Deus vem de um retorno de uma agressividade recalcada, um sentimento incompatível com seu Ideal-de-Deus, que, então, é percebido na alteridade. Maria Aparecida Silva Bento (2002) trabalha a ideia de “*falsa projeção*”, de Adorno e Horkheimer (1985), em que a verdade de um impulso, que não pode ser admitido como próprio, é depositado no *outro*. Aquilo que lhe é *familiar*, retorna como o *infamiliar*.

Deus investe violentamente contra esse *infamiliar*, que se posiciona no Gênesis tal como o autômato Olímpia no conto de Hoffmann, um depósito de paixões. Deus pode, então, ser brutal

⁹ Relatos do Jornalista Robert Fisk sobre os massacres de aldeias palestinas de Sabra e Chatila. Ambas protagonizadas pela Falange e o Exército de Defesa de Israel (IDF).

e *civilizado*, desde que reconheça a sua própria agressividade no outro, podendo sublimar o retorno recalcado em *ato*.

Como um espelho plano, a geometria dos acontecimentos é simultânea. O ato é reflexo daquilo que na imagem pode ser percebida. Contudo, para que o Ideal-de-Deus possa permanecer sem arranhões, Deus precisa comportar-se como um bebê, que olha para o espelho e reconhece um *outro*. Nele vê a ameaça, pois em si sente o impulso da violência. Simultaneamente, o *justo*, que ganhou graça aos olhos de Deus, é salvo. Dando possibilidade de vazão dessa matemática entre violência e mal estar, o valor ocidental de *justiça* precipita do dilúvio, dando sustentação e força para o Ideal-de-Deus, sublimação para o retorno do recalcado e uma imensa economia libidinal para Deus.

O convicto homem-macho eurocêntrico Tony Blair, em 2002, proferiu uma das frases, em seu parlamento, que justificaria aquilo que seria chamado de *Guerra* do Iraque: "O regime de Saddam é desprezível. Ele está desenvolvendo armas de destruição em massa. Ele é uma ameaça a seu próprio povo e, se permitirmos que ele desenvolva essas armas, é também uma ameaça a nós."¹⁰

Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que:

o indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideraram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre eles. (p. 174-175)

As armas nunca foram encontradas. O povo iraquiano sofreu 654.965¹¹ mortes em virtude da invasão estadunidense no país até 2006. O dilúvio caiu sobre o Iraque, a verdadeira ameaça encontrava-se naquele que em 2002 discursava no microfone do parlamento inglês.

¹⁰ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43479249>

¹¹ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111215_eua_iraque_numeros_fn

4

Operação Margem Protetora

4.1 Em 2014, completaria cinco anos desde a última vez em que as Forças de Defesa de Israel realizavam uma incursão por terra na Faixa de Gaza. A prática passou a ser menos comum a partir dos avanços militares tecnológicos e da Segunda Guerra do Líbano em 2006, cujo número de baixas do lado israelense deixou marcas na popularidade do então primeiro ministro Ehud Olmert. A investida israelense fora batizada de “Operação Margem Protetora”. Desse nome, supõe-se que as margens a serem protegidas são as fronteiras difusas e esparsas que separam Israel e Palestina. Na operação, por terra (e por ar), Israel protagoniza a morte de 2200 palestin@s, entre el@s 1700 civis, entre ess@s 551 crianças.¹²

As propagandas vinculadas ao IDF (*Israel Defense Army*) constantemente reforçam que os combatentes do Hamas usam seus civis como escudo humano, para proteger a si mesmos, suas armas, e seus foguetes Qasam.¹³ Benjamin Netanyahu, primeiro ministro israelense afirma, “Aqui está uma diferença entre nós. Nós usamos mísseis para proteger nossas pessoas, e eles usam pessoas para proteger seus mísseis”¹⁴. (Gaza: human shields, 2015)

Neve Gordon, professor universitário israelense e pesquisador em direitos humanos, explica o que está por trás do discurso do primeiro ministro: “O Hamas são bárbaros e eles estão usando suas próprias crianças, suas próprias mulheres, seus próprios idosos para se defender. A imagem que precipita disso, é que os palestinos são, em essência, sub-humanos.”¹⁵ (Gaza: human shields, 2015)

¹² <https://www.aljazeera.com/programmes/aljazeeraonline/2014/08/gaza-human-shields-150811103225743.html>

¹³ Anexo 3, Anexo 4, Anexo 5

¹⁴ Tradução minha.

¹⁵ Tradução minha.

Em 2016, a Comissão de Inquérito Independente das Nações Unidas sobre o Conflito de Gaza em 2014, registrou crimes de guerra de ambos os lados. No entanto, não foi registrado uso de escudos humanos por parte do Hamas.¹⁶

Remy Abdu, monitor euro-mediterrâneo de direitos humanos, ouviu mais de 400 testemunhas palestinas. Nenhuma delas afirmou ter sido usada como escudo humano pelo Hamas. Segundo Neve Gordon, também não há nenhuma imagem que confirma as afirmações do IDF e do primeiro ministro Benjamin Netanyahu. Por outro lado, Abdu entregou arquivos para o Comitê Internacional de Investigação que acredita serem suficientes para condenar Israel e provar que esse cometeu crimes de guerra, usando civis como escudo humano.

Centenas de testemunhas confirmam a prática, entre elas a professora Nazehaa Al Najjar, cuja família inteira fora usada como escudo. Najjar afirma que seu sobrinho¹⁷ de apenas 6 anos fora espancado enquanto 5 cachorros do exército dilaceravam sua pele na frente de seu pai ajoelhado. Após a cena, a criança é colocada na linha de frente para impedir que os combatentes do Hamas revidassem os ataques israelenses (Gaza: human shields, 2015). Há numerosos registros também de palestinos amarrados e vendados em cima de tanques de guerra.

Um adolescente¹⁸ de 17 anos, usado de escudo humano, é espancado após o seu agressor perceber-se frustrado pelo fato de que na casa do jovem não havia nenhum túnel e nenhuma arma do Hamas.

Segundo o jovem, estava de olhos vendados enquanto contestava o soldado israelense:

“Você está me usando de escudo humano.”

“*Nós temos permissão para fazer qualquer coisa.*” (Gaza: human shields, 2015)

4.2 Achille Mbembe, afirma que as colônias são o lugar de exceção, onde as leis jurídicas são suspensas, onde se *tem permissão para fazer qualquer coisa*.

Todas as manifestações de guerra e hostilidade marginalizadas pelo imaginário legal europeu encontraram lugar para reemergir nas Colônias. Aqui, a ficção de uma distinção entre “os fins da guerra” e os “meios de guerra” entra em colapso; assim como a ficção de que a guerra funciona como um enfrentamento

¹⁶ The United Nations Independent Commission of Inquiry on the 2014 Gaza Conflict: <https://www.ohchr.org/en/hrbodies/hrc/coigazaconflict/pages/reportcoigaza.aspx>

¹⁷ Nome não citado.

¹⁸ Nome não citado.

submetido a regras, em oposição ao puro massacre sem risco ou justificativa instrumental. (Mbembe, 2016, p. 134)

Neve Gordon, afirma que há um *gap* entre os equipamentos altamente tecnológicos e mísseis de alta precisão do exército israelense e os 1700 civis mortos na operação.

Não apenas como Narciso, que olha seu reflexo no lago e não é capaz de reconhecer-se, o Estado de Israel decreta sua identidade quando afirma que o Hamas usa civis como escudo. Simultaneamente em que a “hostilidade marginalizada” (Mbembe, 2016, p. 134) aflora, a *margem* do ideal ocidental é *protegida* como identidade pelo Ressentimento. As 1700 mortes, o *gap*, são esculpidas subjetivamente em um *escudo de carne palestina*, que afirma um Ego através da eliminação da diferença. Uma margem protetora, uma fronteira cimentada em muros altos cujo Ego, visando economia libidinal, usa como matéria prima a carne palestina. É de maior rendimento, melhor custo benefício, usar as vísceras palestinas como proteção da identidade ressentida que sempre é afirmada por aquilo que *não se é*.

Para o ressentido, aquilo que se é permanece invisível, porque nunca é positivado. Assume um infinito vazio do irrepresentável. Incategorizável. Universal. O Observador. O “nada” que navega por todas as categorias e na extremidade espelha-se com o “tudo”, delegando poderes ilimitados àquele que *define* a si mesmo através de uma negação.

A neutralidade *indefine* suas fronteiras, suas margens, dando autorização moral para que ela ocupe territórios *outros*, corpos *outros*. A escola *sem* partido. A mão *invisível* do mercado. Se houvesse uma fronteira admitida seria o nosso Universo propriamente dito em expansão.

A razão-branca tem apenas uma tonalidade. Embora, do alto de um altar grite:

-Eu sou o universo. Em mim residem todas as cores.

Suas múltiplas faces ocultas estão longe de contemplar o universo infinito das tonalidades. Sua claridade ofusca cromas ocultos. A verdade é confundida com a clareza de suas peles, a luz de seu saber é também o brilho das bombas de fósforo e das piras de fogo queimando o corpo das *bruxas*. José Saramago (1995), em seu livro O Ensaio Sobre a Cegueira, descreve uma “cegueira branca”. Como se os olhos saqueassem do ambiente um excesso de luz, um excesso de cores.

As estrelas no céu desaparecem nos grandes centros urbanos como se lá não estivessem. O brilho das ruas, das casas, das lojas, cria o extremo oposto da caverna de Platão onde suas vítimas são aprisionadas e cegadas pelo excesso de luz, e não pelas sombras. Um aleijado devido a hipertrofia de um de seus órgãos. A luz trata de aleijar também os pássaros nas cidades. Cantam incessantemente madrugada adentro como se vivessem um eterno amanhecer.

Nietzsche (2001) afirma o refinamento da consciência como uma *doença*.

Buscar a luz mais viva, a razão a todo preço, a Vida clara, fria, prudente, consciente, despojada de instintos e em conflito com eles, foi somente uma enfermidade, uma nova enfermidade, e de maneira alguma um retorno à virtude, à saúde, à felicidade. Ver-se obrigado a combater os instintos é a fórmula da decadência. (p. 19)

A Razão impõe sua vontade àquilo que reconhece como Mulher-Natureza, essa que é a própria encarnação do caos e do instinto, para certificar-se de que o contrário não aconteça. A Razão é um covarde diante do espelho, pois nele visualiza a mais sangüinária das bestas selvagens. Esquadrinha, quantifica, alinha e satisfaz seus apetites-mais viscerais, enquanto afirma ser um poder maciço, no vácuo, apartado de toda e qualquer víscera, atestando que executou um espancamento devidamente desapaixonado. A besta se converte na mais *pura das técnicas*.

Cria-se um estado de apocalipse e ordem: o juízo final. A razão conjuga-se com algo que pode ser chamado de instinto. O Estado de Natureza e o Estado de Direito caminham sobrepostos (Agamben, 2010), conjugam suas polaridades assumindo uma mesma matéria, ao ponto que já não é mais possível fazer distinção entre eles. É a ciência, é um Estado forte e total, que justifica suas próprias ações, uma vez que executa e legisla sobre si mesmo. Uma entidade localizada entre o Espírito Santo e os Dez Mandamentos, que interseccionados são o próprio Deus. Sendo esse substância com um fim em si mesmo, causa de si.

4.3 É possível ler quem é o homem-macho, se revelarmos o negativo das fotografias de seus discursos e avaliarmos a nudez de suas ações. Segundo Mbembé (2014), "Aquele que obstinando-se 'a ver no outro o animal, se exercita a tratá-lo como animal', e por fim transforma-se o colono 'ele próprio em animal'" (p. 184).

Kalil Al Najjar, em seu testemunho, conta que ele e sua família foram obrigados a entrar em uma residência suspeita de haver combatentes do Hamas e bombas-armadilha. Em um

segundo momento, todos retiram-se da casa, e um *cachorro* equipado com uma câmera investiga o lugar. Em um terceiro momento, então, entram os soldados israelenses (Gaza: human shields, 2015). A vida humana convertida em objeto, em *carne*, passando pelo especismo de afirmar que o não-humano está para além das fronteiras da lei. Não qualquer “não-humano”, algo distante do cachorro, que possui um lugar privilegiado ao lado do *homem-macho*. Algo mais próximo do boi onde a vida também é *carne* e menos domesticada.

“Os selvagens são, por assim dizer, seres humanos “naturais”, que carecem do caráter específico humano, da realidade humana, de tal forma que, ‘quando os europeus os massacraram, de alguma forma não tinham consciência de que haviam cometido assassinato.’” (Hanna Arendt, 1966. Apud Mbembe, 2016, p. 133). No não-humano, é possível localizar as vísceras, as vicissitudes, a natureza, que são próprias do homem-macho.

Tomemos o exemplo dos ratos, não apenas como objeto de metáfora, mas como operação concreta de resistência. Um mamífero valente e insurgente que insiste ocupar um território onde é tratado com exemplar xenofobia.

Afinal, por que odeia-se tanto os ratos? Um ser, entre tantos outros, que desplanifica os artifícios da cidade, profana espaços tão sacralizados enquanto não-natureza. A presença dos ratos denuncia: aqui é a natureza, as leis das cidades são as leis da selva. O ódio aos ratos é o ódio da diferença ocupando um território onde ela não pode ter existência. No entanto, seria equivocado assumir a relação de Deus com os ratos pela simples extinção na garantia de um ambiente asséptico. Esses mamíferos dão concretude para o nojo, para o horror, para o infamiliar. São a mulher adúltera, o bândido, a travesti, a puta, a vida convertida em objeto-escória.

Também movimentam um mercado de venenos, ratoeiras. O que seriam dos exércitos sem os inimigos? A guerra sustenta o mercado de armas, tal como os ratos sustentam o mercado de venenos. Vidas e corpos instrumentalizados, sujeitados às mais diversas violências de manuseio dessa carne: humanos moeda, humanos mercadoria, humanos objeto. (Mbembe, 2014)

19

¹⁹ Achille Mbembe escreve “homem moeda, homem mercadoria, homem objeto”. Aqui fiz uma adaptação usando citação indireta.

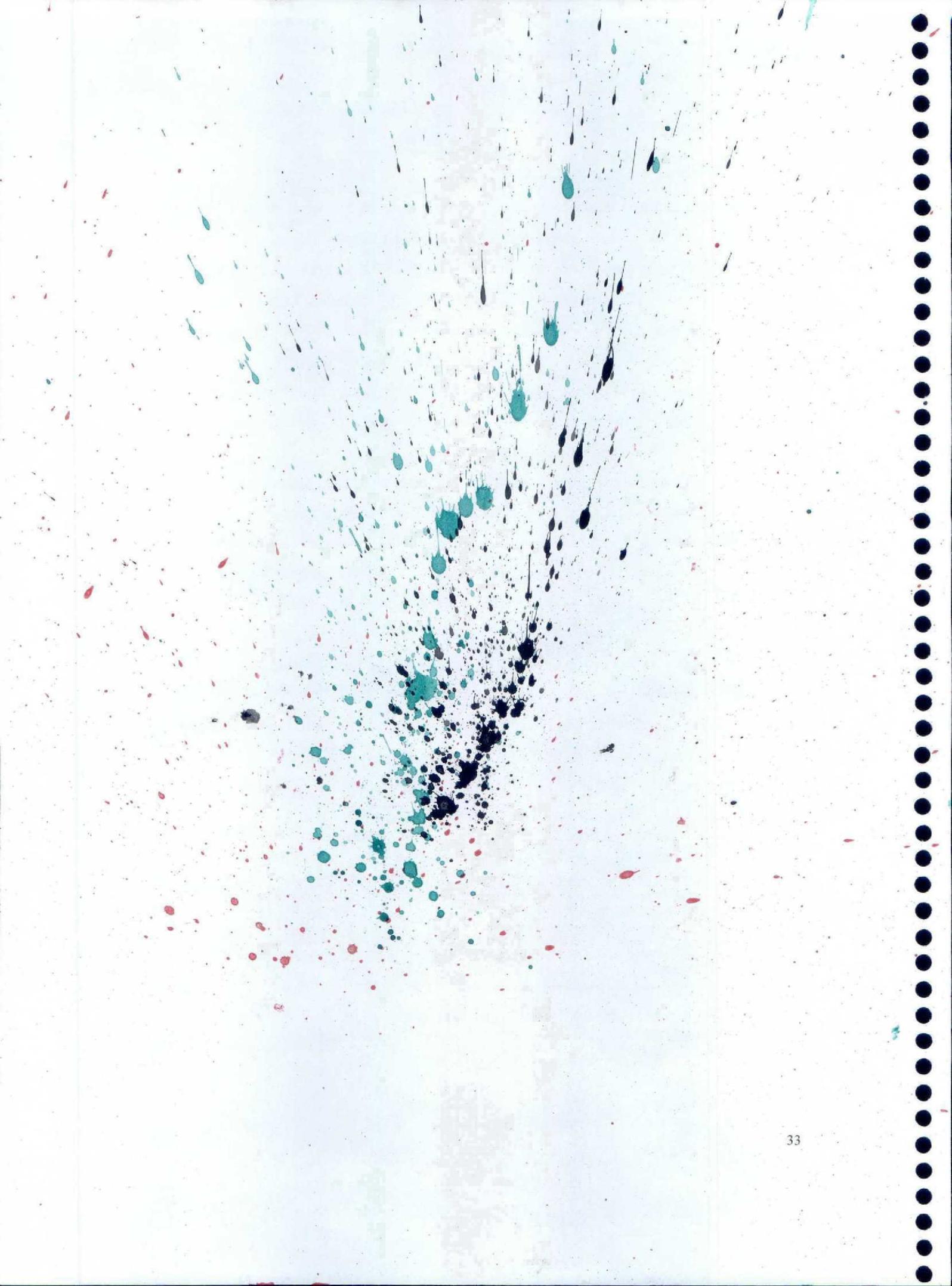
Tomemos um outro particular exemplo de animal: as vacas e os bois. Seu corpo ocupa o espaço da cidade sem que cause relevo, protuberâncias, rugosidades e situações intempestivas. São parte da paisagem do urbano tais como as calçadas, as gôndolas, as embalagens de isopor, os plásticos que envolvem suas partes, as balanças que as pesam. Os bois e as vacas assumem a necropolítica na sua radicalidade. São carne. Sua natureza é reservada aos matadouros, seus gritos de horror não podem ser ouvidos das prateleiras do supermercado. As margens do ressentido, ainda que indefinidas pela negação, são protegidas na objetualização desses corpos. Tais como corpos palestinos mortos por mísseis de *longa distância*, ou corpos negros mortos por policiais nas periferias. A morte é instrumentalizada.

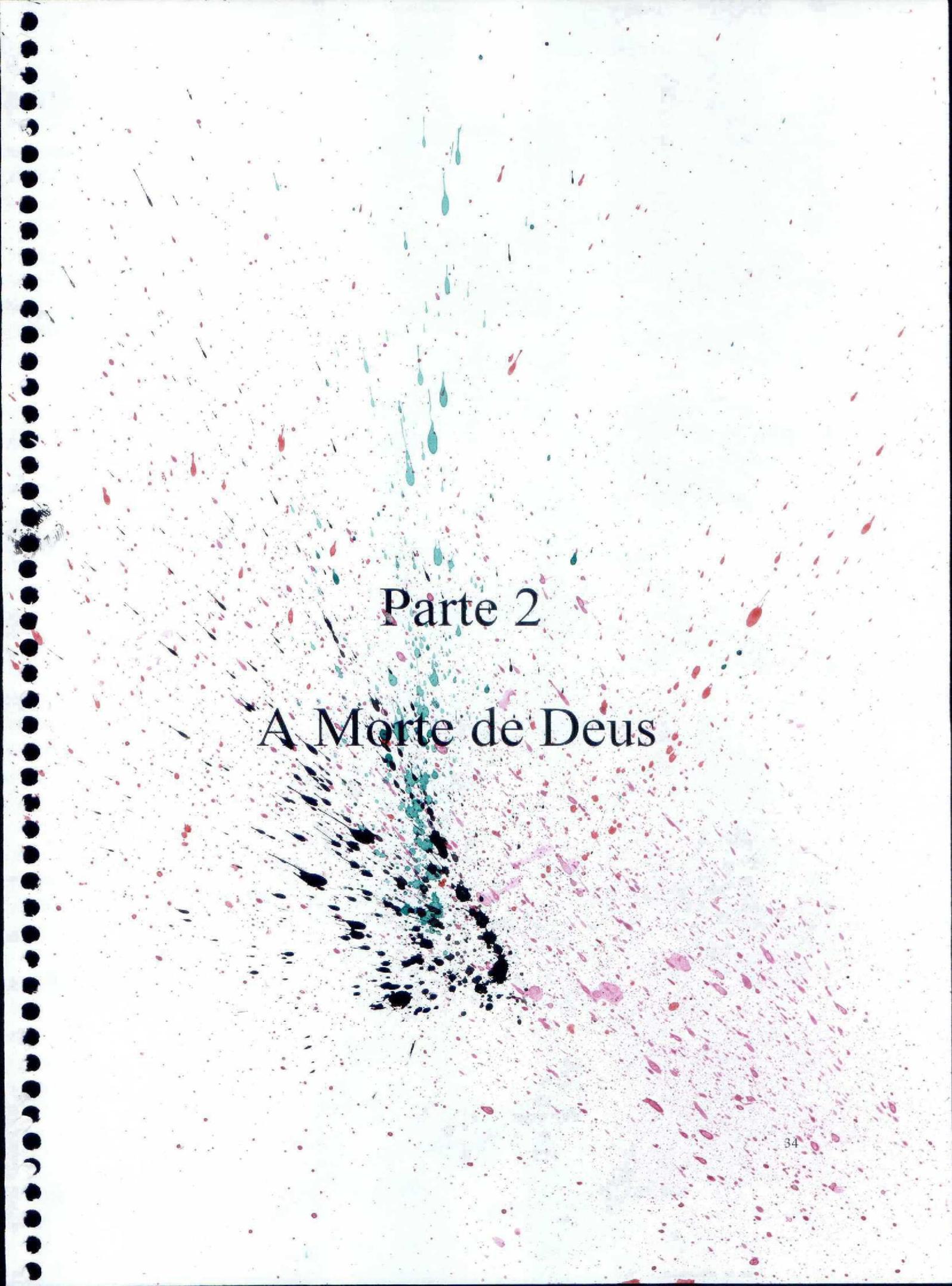
4.4 Definir uma fronteira para si seria afirmar uma diferença. Seria encarar a frio a *natureza* (da qual o homem-macho insiste em colocar-se fora), o animal, o vasto muro de sangue e carne que definem suas margens e imaculam sua democracia, sua justiça. Implicaria contagiar-se pelo *outro*, admitir o outro em seu próprio território. Mais do que isso, seria admitir que a diferença, o intempestivo, habita seu espaço sacralizado já muito antes de ter qualquer entendimento sobre essa faculdade. Os valentes ratos estão em suas casas, seus esgotos, seus armários. Conceber as máculas em uma paisagem em que não se pode admitir relevo, teria um alto custo para o homem-macho; que calcula os lucros de suas ações e a manutenção da grandeza de seu falô. Tais operações de margem-protetora fazem-se, então, necessárias na sua economia libidinal.

Para Giacoia (2001) essa fraqueza aparece em todos os domínios da cultura ocidental,

no âmbito da ciência, ela se expressa por meio do privilégio epistemológico atribuído a conceitos como reação e adaptação; na filosofia, pelo privilégio metafísico da razão pura e por seu caráter de *teologia disfarçada*, que sempre ainda despreza o corpo em proveito da alma; em moral e política, por meio da glorificação do altruísmo e da extensão universal do espírito de rebanho." (p. 88)

As margens sempre estão em constante ameaça, pois assumem uma esterilização impossível. Por mais que obsessivamente lavemos nossas mãos, sempre haverá seres microbióticos compartilhando o território do nosso corpo. Sempre haverá pecado, sempre haverá rugosidades, por mais asséptica e negativa a identidade que o Ressentimento pretenda assumir.





Parte 2

A Morte de Deus



1

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas²⁰

“Em Atenas, onde se exerceu a primeira política “democrática” e a “misoginia” como exemplos de vida e conduta, mulheres e crianças eram consideradas cidadãs de segunda classe. As mulheres não tinham direito de atuar como médicas, cujo castigo era a pena de morte. Houve uma mulher rebelde chamada Agnódice (Século. IV a. C.) que lutou contra as injustiças relacionadas à saúde do sexo feminino. Ela quis estudar medicina apesar de todas as adversidades, de modo que viajou até a cidade egípcia de Alexandria para estudar com os grandes mestres médicos de então, Herófilo e Erasítrato. Somente conseguiu alcançá-lo adotando a identidade masculina. Anos mais tarde, regressou a Atenas e ajudou muitas mulheres a parirem. Em segredo, todas as mulheres recomendavam umas às outras que a tivessem como parteira, até que o seu sucesso causou a inveja dos homens médicos que a acusaram falsamente de estupro de duas de suas pacientes. Ela precisou desmentir em julgamento público no Areópago, onde teve que se despir diante dos magistrados para mostrar sua vulva e assim poder desmentir as acusações. Livre dessa acusação, depois seria ajuizada por exercer a medicina ilegalmente, por falta de “falo”. Mas, para surpresa da sociedade ateniense, todas as mulheres se levantaram em sua ajuda, proclamando o seu desejo de morrer com ela e a sua decisão de não ter sexo com seus esposos se Agnódice fosse condenada. Finalmente, foi decidido que Agnódice poderia exercer a medicina com a restrição de que seria aplicada só em mulheres atenienses. Desde então, estudar tornou-se possível para as mulheres atenienses.” (Pabla Pérez San Martín, 2015, p. 34-35)

²⁰ Refrão da música “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque e Augusto Boal.

2

O Veneno dos Homens

2.1 A arqueóloga Marija Gimbutas traz a importância do simbolismo da serpente nas sociedades matriarcais do período em que chama de “Vieja Europa” (Pabla Pérez San Martín, 2015). “La serpiente y su derivado abstracto, la espiral, son motivos dominantes en el arte de la Vieja Europa, y su utilización imaginativa en dibujos espiraliformes a lo largo del período Neolítico y Calcolítico, hasta la civilización minoica, la única heredera de la Vieja Europa, no ha sido superado por ningún otro estilo decorativo posterior.” (Marija Gimbutas, 1980. Apud Casilda Rodríguez, 2010, p. 158)

No período, a cobra representava os mistérios e os ciclos do universo. Era das águas, mas anda sob terra (Casilda Rodríguez, 2010), troca sua pele de tempos em tempos, tal como as paredes do útero descamam. Era o símbolo que dava forma à continuidade da vida; à sexualidade, às sabedorias matriarcais sobre o corpo, ao útero, à gestação da vida.

Aqui a maternidade e sexualidade não agem com polaridades opostas. Misturam-se, interseccionam-se, fazem parte de um mesmo ser múltiplo, heterogêneo, potente. Não há a homogeneidade moderna da *santa*, ou da *puta*. A possibilidade de orgasmo na hora do parto não seria uma profanação do sagrado momento do nascimento, mas uma das tantas possibilidades da representação infinita da própria serpente como *ima*: maternidade e sexualidade.

Marija Gimbutas nos demonstra as serpentes na representação do dinamismo do universo, sua composição e seus ciclos: os mistérios das “coisas que nunca desaparecem e somente se transformam infinitamente” (Pabla Pérez San Martín, 2015, p. 31). A cobra era símbolo da imortalidade, “era estimuladora y guardiana de la energía espontánea de la vida” (Marija Gimbutas, 1980. Apud Casilda Rodríguez, 2010, p. 159). A flexibilidade do seu corpo podia servir de forma e sentido para as rugosidades que jorravam do universo. As árvores, as rochas, as estrelas, as montanhas, o sol, a lua, os círculos convexos e concêntricos do corpo. As nádegas, os

seios, o nariz, os joelhos, o abdômem. Inclusive o pênis era representado por uma serpente o envolvendo.

2.2 “*Mata a cobra e mostra o pau*”, nos denuncia o ditado popular da nossa cultura patriarcal.

Posteriormente, na Grécia Antiga, para garantir uma sociedade dominada por figuras masculinas, os gregos criam os mitos de fundação de suas cidades representando homens derrotando serpentes monstruosas. Zeus mata Tifão, o ser da escuridão, para que se fizesse luz sobre a Terra. Apolo mata Píton. Perseu arranca a cabeça da Medusa. Entre tantas outras representações de deuses e heróis derrotando serpentes (Casilda Rodríguez, 2010). O homem trai a cobra, e a sociedade patriarcal que concebemos atualmente é marcada pela subjugação do corpo da mulher, da sua sexualidade, da sua sabedoria. A serpente precisa ser derrotada, tal qual os corpos insurgentes e desejosos das mulheres, para que se garanta o poder dos homens.

Eva é punida por Deus, não exatamente por comer a maçã, mas por *ouvir* a cobra (assim como Adão é punido por *ouvir* Eva²¹). Por escutar e confiar nos saberes que pulsam em seu corpo, que a levaram até a fruta do conhecimento.

“*E porei a inimizade entre ti (Cobra) e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.*” (Bíblia, Gênesis, 3, 15)

Nesse momento, Deus é mais sádico que Zeus, Cadmo, Perseu, Apolo. Diferente dos Gregos, que incansavelmente derrotam as cobras em suas histórias, Deus tratou de dividir a mulher em dois, para que as suas partes lutassem entre si. Maternidade e Sexualidade femininas são esferas distintas e incompatíveis. Inaugura-se a serpente enquanto traiçoeira, para que a mulher *não dê ouvidos e confiança* aquilo que fala seu corpo, ao passo que sequestra-se a maternidade (também corpo da mulher), o poder de criação, a qual Deus invejosamente reivindica.

²¹ BÍBLIA, Gênesis, 3, 17

A inimizade “entre a tua semente e a sua semente” (Bíblia, Gênesis, 3, 15) são a mesma semente, que é introduzida àquilo que chamamos de culpa (matéria prima do ressentimento). Uma ferramenta de auto-punição incessante fora implantado em cada bebê que descendesse do útero de Eva: o pecado original. O pecado, instrumento de controle dos corpos, é imortalizado e sucedâneo, tal como a serpente. São frutos do útero amaldiçoado de Eva.

2.3 Apenas algumas mulheres venceriam a inimizade com a serpente sozinhas, na completa subjugação dos seus corpos. As poucas e impossíveis *santas* serviriam de exemplo para todas. Aqui valêmos do exemplo da Virgem Maria, uma importante descendente de Eva, que por milagre (ou talvez por estupro, inseminação artificial, dizem que só Deus sabe afinal²²) engrávida do filho de Deus sendo virgem. É possível observar em muitas representações da Virgem Maria em que ela está pisando em uma serpente, demonstrando aquela que derrotou seu próprio corpo, sua própria sexualidade.²³

Seja lá como Deus tenha feito isso, o importante é que não houve sexo. De um só golpe a mulher é dividida em dois lados terrivelmente homogêneos e indissociados, de um lado a *puta*, do outro a *santa*. A puta é aquela para ser morta, cuspada, para se jogar pedras, para se jogar bosta, feita pra apanhar, boa de cuspir (Chico Buarque, 1978). Dar representação àquilo que o homem-macho ressentido bem desejar. Infundáveis são as representações que pode ter uma puta. São convertidas em corpos-instrumentos de desejos ora insacros, inconfessáveis, ora de exagerada afirmação de uma violência *digna* como constituição do ideal masculino.

A santa é a mãe virgem que servirá aos homens. Aquela que cria a vida, que é portadora da imortalidade, capaz de reorganizar o próprio corpo a fim de gerar outro, é jogada no absurdo vazio da impotência. “Mãezinha” chamam @s médic@s e enfermeir@s nos hospitais, em que frequentemente as lógicas institucionais e patriarcais subjugam novamente o corpo da mulher à vida nua (Agamben, 2014). O parto torna-se um campo de exceção em que a violência é instrumentalizada.

²² “Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se unirem, achou-se grávida do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e não a queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E projetando ele isso, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu num sonho, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo.” (Bíblia, Mateus, 1, 18-20)

²³ Anexo 6

A cobra é sequestrada e mutilada. Concebe-se a maternidade sem sexualidade, a sexualidade sem maternidade. O “filho da puta” (ou o “puta que pariu”) nos denuncia como as piores palavras que se pode dizer a alguém em uma cultura patriarcal, visto que unir a cobra novamente, ainda que em termos tão brutalmente sequestrados, sugere aos homens potência às mulheres, intemperividade, diferença. Tremem-se as bases do ressentido e proibidas são as palavras que admitem nas mulheres alguma potência, na medida em que colocaria em questão as fronteiras do homem-macho.

A serpente converte-se em uma ameaça constante para a mulher. Uma tentação. O próprio Lúcifer. Um terrível dragão que ameaça a princesa do alto de uma torre. O príncipe para desposá-la precisa aniquilar com seus desejos, seus apetites, seus anseios, seu corpo intemperivo e potente. Sua cobra precisa ser vencida.

Todas las historias y los mitos clásicos que hablan de dragones muertos por el héroe son el fruto del establecimiento del nuevo orden. El dragón, la serpiente, el monstruo marino... todas ellas son formas del cuerpo femenino de la Gran Madre. (Bonet Julia, Apud Casilda Rodríguez, 2010, p. 166).

Seu algoz traveste-se de seu salvador quando destrói o maligno ser que existe dentro de cada mulher. Enquanto isso, o homem-macho prova seu valor, sua honra, sua força e constitui os próprios ideais-de-Ego na dominação do corpo da mulher através da heroicidade, da força física, da violência (Casilda Rodríguez, 2010).

“Naquele dia o SENHOR castigara com a sua *espada dura, grande e forte* o leviatã, aquela serpente fugidia, e o leviatã, aquela serpente tortuosa, e matará o dragão, que está no mar.” (Bíblia, Isaías, 27, 1)

É a interdição e a dominação da potência da mulher que garante a sobrevivência do mito da onipotência de Deus.

Em “Asaltando el Hades: La Rebelión de Edipo” Casilda Rodríguez (2010) afirma:

los primeros mitos hablan de dioses o héroes cuya heroicidad consistía en matar al ‘monstruo’ que manaba de la mujer (matar la libido femenino-materna); y esta acción les permite capturar y poseer a la mujer, es decir, establecer la falocracia y el falocentrismo en las que descansa la institución del matrimonio y el mito de la media naranja.” (p. 167)

La serpiente –la sexualidad de la mujer– en un primer momento se somete, se destierra, se mata, y finalmente se sataniza, sin esconder su significado –una emanación de la mujer–; luego sigue satanizada y

habitando los infiernos, pero se oculta cuidadosamente que es una emanación del cuerpo de la mujer. (p. 168)

O próprio Lúcifer, esse anjo insurgente que desejou ser igual a Deus, é traduzido na serpente que emana do corpo da mulher.

Os mitos repetem-se, travestem-se, mudam, fazem todo o tipo de malabarismos, uma vez queem sua ação se defrontam com o ilimitado. Sempre haverá novas cobras para destruir. São imortais. Também repetem-se, trocam de pele, andam sob o solo, andam sob a água, reorganizam suas defesas, seus territórios com novos antídotos para inocular nos seu algozes. “La serpiente era el vehículo de la inmortalidad” nos lembra Gimbutas (1980, Apud Casilda Rodrigañez, 2010). O patriarcado precisa acompanhar um poderoso inimigo e criar diferentes jogos de luzes para trapaceá-lo, pois reconhece sua força de criação, sua infinita vitalidade.

O semi-deus Hércules, um dos maiores representantes do teatro da força masculina, corta a cabeça da Hidra, e nascem outras muitas no lugar. E outras. E outras. E outras. Multiplicam-se infinitamente a cada golpe deferido por Hércules. O filho de Zeus então cauteriza as feridas que regenerariam em um novo corpo. Sobrando apenas uma, a qual foi considerada imortal. O semi-deus então coloca uma enorme pedra em cima de Hidra²⁴. Hércules banha suas flechas com seus antídotos, para usar em seus inimigos, tal como Perseu usa a cabeça da serpente para petrificar seus inimigos. A potência da serpente é roubada pelos homens e convertida em instrumento para sua ascensão. O próprio Deus usa a cobra como uma de suas pragas prediletas.

Deus sequestra a força infinita da cobra e a instrumentaliza a seu favor. Todavia, as ferramentas de controle precisam constantemente metamorfosear-se, adaptar-se. Porquanto, por mais que Hércules corte uma cabeça, nascem outras. Por mais que se pretenda suprimir sua força colocando uma enorme pedra em cima, ela permanece viva e imortal.

2.4 São fracos os homens. Não são fortes como nas histórias que contam. Entretanto, não há o que subestimar quanto a ser astuto, artiloso, trapaceiro. Qualidades que Deus atribui a serpente, quando ele próprio manipula Adão ao dizer que morreria aquele que comesse da árvore do conhecimento, o que de fato não acontece.

²⁴ História sobre a Hidra e Hércules disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hidra_de_Lerna

A Serpente alerta Eva: "*Certamente não morrereis.*" Deus está mentindo.
"*Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem eo mal.*" (Bíblia, Gênesis, 2, 4-5)

As palavras da cobra são inclusive confirmadas pelo próprio Deus:

"*Eis que o homem é como um de nós, conhecendo o bem eo mal*" (Bíblia, Gênesis, 2, 22)

Após a constatação, Deus bane Adão e Eva do acesso à árvore da vida, que levaria aquele que comesse a imortalidade. Confirma, então, os temores de Deus de ter um igual.

Escutemos atentamente o que a serpente nos diz, ainda que corramos o risco de sermos também duramente castigados. Por que a igualdade seria uma ameaça para Deus? O que a serpente sabe sobre ele que Adão e Eva não sabiam? Por que Deus reage com tamanha violência e crueldade contra suas criações?

Teríamos muito o que agradecer à serpente por ter nos dado esse importante alerta sobre Deus: é o maior dos ressentidos. Quem morre não é Adão, nem Eva ao comer o fruto da árvore do conhecimento, mas o próprio Deus. Abre-se uma incurável ferida narcísica no Criador ao confrontar-se com as rugosidades dos primeiros humanos. Criaturas que acreditava serem continuidades assépticas do seu ser. Deus é a afirmação da imagem e a semelhança. É a equivalência ontológica e epistemológica pura e límpida. No momento em que Eva morde o fruto marca-se a diferença que, para esse Deus ressentido, é insuportável. A primeira mulher reivindica um lugar demarcado de igual potência àquele que se diz seu criador, o primeiro homem segue seu exemplo. Tornar-se como Deus, como a serpente nos sugere, é igualar as potências, reivindicar a própria existência no território, tal qual Deus o faz.

Poderiam ser admitidos no Éden, se agissem como subalternos, latinos satisfeitos com salários abusivos e condições precárias de trabalho. Mulheres recatadas e sorridentes. Palestinas e negras resignadas diante das eventuais humilhações e caprichos de Deus. Escravos de parede. Legítimos objetos da vontade divina. No entanto, sempre haverá ritmo e música, ainda que no cintilar dos chicotes. Sempre existirão crianças e pedras organizando a próxima intifada. Sempre existirão Evas para comer do fruto de árvores proibidas. Sempre haverá cobras. A diferença comporta-se com irremediável fatalidade.

As bases da identidade de Deus são destruídas, uma vez que são constituídas no impossível da infinita dureza e plenitude. Origem e causa de si mesmo. Seu lugar de Deus é colocado em questão quando defronta-se com a insurgência e imprevisibilidade de Eva. A primeira mulher mostra aos olhos do próprio Deus que ele não é a continuidade de todas as coisas, que há fronteiras para os domínios daquele que se diz onipotente, onipresente, onisciente. Deus descobre que Eva também pode comer do fruto do bem e do mal, traçar sua própria ética, sua própria diferença, seu próprio jeito de andar.

Deus reage como um paranóide que será completamente aniquilado pelo imprevisível que o assombra. Não suporta a rugosidade do território do Éden. Sente-se amedrontado, inseguro, ao vislumbrar qualquer possibilidade de relevo no Éden. Deus teme do que é capaz Eva, pois atina-se de que não a conhece por completo. Esse continente desconhecido infamiliar, a qual Deus identifica aquilo que não é, sua negatividade, seu não. Não se permite contagiar-se, conhecer, tornar-se outro, ainda que por instantes, no encontro com a primeira mulher. Logo reconhece o terreno nebuloso de Eva como uma ameaça, o horror de ser apagada sua existência na mistura com a diferença. Emerge sua ira de homem encurralado, homem assustado. Age com exemplar violência e exila Adão e Eva a fim de novamente garantir a ordem equivalente e planificada do Éden.

A serpente não engana Eva, diz tão somente a verdade. Deus é quem engana a todos em seu jogo invejoso. Podemos dizer que fundamenta a Mentira Original: morreremos se notarmos que estamos nus, se olharmos para nossos corpos e conhecê-los. É sabido, Deus será um igual a nós, sem poder sobre esses corpos que já podemos entender. Desse modo, todo corpo é uma ameaça a essa criatura ressentida.

Deus é trapaceiro, ardiloso, manipulador, *venenoso*. Gastará rios de dinheiros, dizimará países inteiros, escravizará populações, construirá muros, para engendrar um grande teatro para ocultar aquilo que mais teme: sua própria morte.

3

Espéculo de Sims: o que nenhum homem havia visto antes

3.1 *“Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor darás à luz aos filhos; e o teu desejo será para o teu e marido, e ele te dominará”* (Bíblia, Gênesis, 3, 16)

3.2 A condição de fístula vesico-vaginal era comum entre as mulheres negras escravizadas dos Estados Unidos. Fístula significa comunicação indevida, no caso, entre a uretra e a vagina, ocasionando incontinência urinária. Causada principalmente por estupros, uso de fórceps e partos difíceis.²⁵

Mulheres negras africanas escravizadas eram levadas por seus “mestres” até James Cameron Sims (hoje considerado o “pai da ginecologia”) para tratar a condição de fístula. As mulheres eram inúteis enquanto *bens* humanos, uma vez que não poderiam trabalhar no campo e nem nas casas na sua condição²⁶ (Durrenda Ojenuga, 1993. p. 29)

No início, Sims recusava-se a fazer qualquer tratamento nessas mulheres, alegando que a condição de fístula era incurável. Todavia, acidentalmente desenvolveu um método envolvendo a pressão do ar e o posicionamento da paciente para conseguir ver “o que nenhum homem havia visto antes”²⁷ (Sims, 1884, p. 254). Entusiasmado, rapidamente tratou de desenvolver ferramentas para o procedimento de cirurgias de reparação de fístula. Foi quando inventou o Espéculo de Sims, um instrumento que permitia ver toda a cavidade vaginal durante uma cirurgia.

Lucy foi a primeira vítima de seu entusiasmo. Em um hospital improvisado nos fundos da casa de Sims, a jovem de apenas 18 anos passou por uma cirurgia de mais de uma hora sem

²⁵ https://anarchagland.hotglue.me/?anarcha_lucy_betsey-fr/

²⁶ Tradução minha.

²⁷ Tradução minha.

qualquer tipo de anestesia.²⁸ Sims (1883) pensou que Lucy fosse morrer. A jovem demorou três meses para recuperar-se totalmente do procedimento.

Anarcha foi sua segunda vítima em dois tempos. No primeiro, “depois de setenta e duas horas de parto, ela sofre de fistula vésico-vaginal/reto-vaginal por mau uso de fórceps por parte de Sims, que foi quem a assistiu em seu parto” (Pabla Perez San Martín, 2015, p. 37-38). No segundo, Sims realiza mais de 30 cirurgias para correção de fistula, todas elas realizadas sem anestesia e sem o consentimento de Anarcha.

As cirurgias foram consideradas um sucesso para os médicos da época. Visto que desconsideravam qualquer tragédia vivida pelas mulheres negras feitas de puro objeto. A história de Anarcha ficou famosa e atraiu inúmeras mulheres brancas para se operarem com Sims. Nenhuma delas suportou a dor de um único procedimento até o fim.

Sims mantinha mais 11 escravizadas e realizou diversas cirurgias no período 1845 a 1850. Seu nome que segue vivo no instrumento forjado as custas dos corpos negros.

3.2 Por mais problemático que seja afirmar a inocência de qualquer ser vivo, aqui necessariamente precisamos nos deslocar (ou apenas sentar e esperar) até o paradigma cristão: consideremos uma criatura plenamente pura de pecados e tomemos alguns importantes exemplos: Jesus, o cordeiro, *filho*, aquele que (ao contrário de Deus) não praticou nenhum mal, aquele que teve uma vida não mais que puramente bondosa, é condenado a pior das mortes, para que purifique a humanidade.

A santa mãe de Deus (reservemos a *puta* por alguns instantes), figura sagrada, parirá com dor, será cordeiro e sacrifício a fim de purificar o útero maldito de Eva. Sofrerá o suplício que a elevará até a santa, garantindo que não se trata da mesma criatura que realizou as vicissitudes do coito, incompatíveis com a ideia de mãe.

*“Na hora de fazer você não gritou”*²⁹ (Bruna de Lara, 2019)

²⁸ Sims não tinha conhecimento sobre os avanços de anestesia com éter na época. O éter só teria chegado a Boston 1 ano depois da cirurgia de Lucy em 1846 (WALL, 2006) No entanto existem outros anestésicos (como o Ópio) desde o Egito Antigo. E mesmo depois de 1846, Sims não performou nenhum tipo de anestésico nas escravizadas em que realizou experimentos.

²⁹ Frase frequentemente proferida por médicos durante o trabalho de parto

O momento do parto patriarcal configura-se como nevrálgico na suspensão das leis jurídicas e divinas ao passo que, através da violência obstétrica, afirma o mandato de Deus *pai*, a terceira figura sagrada do trinômio. Em nome do pai serão sacrificados mãe e filho. Maria é o corpo de exceção que confirma a regra que cada útero maldito³⁰ deva ser cordeiro para a consagração do momento da maternidade. Jesus, o corpo-filho de exceção, confirma a regra da violência aos bebês que já nascem pecadores desse útero. Em vida serão vítimas de uma máquina de subjetivação, serão crucificados a fim de purificar-se do pecado original.

A afirmação do mandato de Deus não é através de uma lei a ser cumprida, nem através de suplícios que elevam os homens até Deus, mas como o próprio Deus encarnado. Um executor e legislador de si mesmo. Causa de si próprio. Exceção que garante a regra.

O médico assume a figura do soberano, senhor da vida e da morte. Um ser com tamanha dignidade e elevação que suas ações não configurariam crimes ou transgressões. Afinal, não são definidos por ações, mas são constituídos em um momento anterior a qualquer gesto. Eclodem da luz divina da razão, e todo movimento que vier do próprio Deus-razão carregará consigo a dignidade do herói da salvação. O homem forte, puro e inocentado, cuja própria violência torna o uso da palavra “violência” imprópria, pois é fundado em uma sacralidade inviolável. Ainda que as linhas sejam extremamente tortas (por “tortas” poderíamos entender como retirado do radical de “tortura”), serão sempre certas, uma vez que a causa dessa fundamentação é o próprio Deus enquanto soberano. Por mais violentas que sejam as linhas, serão a verdade, a pureza, a dignificação.

O soberano é a sutura entre regra e exceção. Definirá quais leis serão aplicadas, quais leis serão suspensas, gerando um campo de absoluta indistinção entre a regra e a exceção (Agamben, 2010). Será sempre o negativo da escória, outra criatura causa de si, que afirma para que possa sentar no trono de Deus. A dignidade dos heróis de Hollywood é consagrada por *não* serem os vilões. Vilão que emerge da mulher dividida em puta e santa. Fará a passagem de uma para a outra com dor no momento do parto.

O corpo do parto é violado sem que se configure nenhum sacrilégio, é violentado sem que configure-se violência. Porquanto, o médico, aquele que possui o falo da razão, a

³⁰ Amaldiçoado por Deus

onipotência do Espírito Santo e a tábua das leis para que edite como bem compreender, é soberano diante desse corpo-Objeto. A vida nua da mulher, nesse momento nevrálgico, assume um objeto particular de uma *vasilha*, que carrega o *bendito fruto do vosso ventre*³¹.

Na Resolução Número 2.232, de 17 de julho de 2019 o Conselho Federal de Medicina (2019) do Brasil afirma seu caráter soberano no primeiro e no terceiro artigo ao nos mostrar a regra no uso de sua exceção:

“Art. 1º A recusa terapêutica é, nos termos da legislação vigente e na forma desta Resolução, um direito do paciente a ser respeitado pelo médico, desde que esse o informe dos riscos e das consequências previsíveis de sua decisão.(...)”

Art. 3º: Em situações de risco relevante à saúde, o médico não deve aceitar a recusa terapêutica de paciente menor de idade ou de adulto que não esteja no pleno uso de suas faculdades mentais, independentemente de estarem representados ou assistidos por terceiros. (...)

Art. 5º A recusa terapêutica não deve ser aceita pelo médico quando caracterizar abuso de Direito. (...)

§ 2º A recusa terapêutica manifestada por gestante deve ser analisada na perspectiva do binômio mãe/feto, podendo o ato de vontade da mãe caracterizar abuso de direito dela em relação ao feto.” (p. 1-2)

A conversão em *vasilha* do corpo da mulher conjuga o caráter biopolítico de *fazer-viver* (Foucault, 2005) o que se encontra dentro da *vasilha* a par de *deixar-morrer* a própria *vasilha*, que assume um caráter de exposição a uma violência técnica e instrumental. A exceção é aplicada tomando um caráter de regra, onde o corpo da gestante é convertido em *mulier sacer*, objeto, autômato, em que não configura violência o simples manuseio de uma *vasilha*. É através da instrumentalização que a violência encontra espaço para tornar-se possível.

Não só em *vasilha* é transformada a *mulier sacer* no momento do parto patriarcal. Deus, após amaldiçoar Eva multiplicando as dores do parto, declara que *seu desejo será para o marido*. A pesquisa de Pabla Pérez San Martín (2015), sobre a origem dos nomes dos genitais, nos mostra que a palavra *vagina* significa literalmente *bainha* em Latim. Bainha, segundo Pabla (2015), um nome dado por anatomistas baseado em analogias vexatórias. Uma bainha para guardar para a espada dura, grande e forte³² de Deus.

³¹ Oração “Ave Maria”

³² Supracitado (BÍBLIA, Isaías, 27, 1)

O apelidado “ponto do marido” é uma das mutilações genitais sofridas pela mulher em nome de Deus. A sutura excessiva dos lábios da vulva lacerados ou propositalmente cortados no procedimento de episiotomia³³ é o manejo do corpo-parto como confecção de uma *bainha* para o desejo do marido. O médico age como um ferreiro, que tem diante de si a matéria-carne para confeccionar a encomenda adequada ao cliente-marido.

“*Vou deixar virgenzinha pra você.*” - (Bruna De Lara, 2018)

O Conselho Federal de Medicina publicou um parecer em 2018 alegando que “a expressão ‘violência obstétrica’ é uma agressão contra a medicina e a especialidade de ginecologia e obstetrícia contrariando conhecimentos científicos consagrados” (p. 1). Até certo ponto, o CFM é cirúrgico em seu apontamento: unir em uma expressão a palavra “violência” com uma especialidade de tecnologia de saúde tão sofisticada quanto a obstetrícia, a desconsagra enquanto assepsia de um campo puramente instrumental e apolítico. Politizam-se as práticas da razão biomédica e colocam em questão as balizas do ressentimento médico.

“No exercício da medicina, desde os seus primórdios, fomos habituados a crer que nosso atendimento é sempre em benefício dos pacientes, e a maioria dos médicos sente-se agredida quando, porventura, narrativas hostis, não necessariamente verdadeiras, são divulgadas de forma desrespeitosa, maculando a essência do nosso ofício.” (CFM 2018, p. 1)

Retomemos Anarcha para podermos pensar o ofício em essência, como CFM nos propõe. As mulheres negras objeto das plantações estadunidenses são a vida nua em sua radicalidade. A permissão para realizar 30 cirurgias sem anestésicos é a própria instrumentalização do corpo negro de Anarcha. Corpos negros que no mais tardar seriam libertos, tais como, segundo a Resolução Número 2.232, o corpo gestante é livre para recusar a sofrer as condutas médicas: com exceções.

“EMENDA XIII (1865)

Seção I

Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito a sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo

³³ Corte cirúrgico realizado na região do períneo com a justificativa de acelerar a expulsão do bebê. Não há evidência científica para o uso de rotina do procedimento.

qual o réu tenha sido devidamente condenado.” (Estados Unidos Da América, p. 9)

A luz da razão é composta por máculas inerentes a qualquer território. A proposta asséptica que dá lugar para que se ilumine os “mistérios da mulher” é novamente a luz ofuscante que vem da pira das bruxas em chamas. É um Espéculo de Sims que permite o olhar consagrada sob a vida nua.

4

O Édipo-Cristo

4.1 *“Que nenhum habitante deste reino, onde exerço o poder soberano, receba esse indivíduo, seja quem for; e não lhe dirija a palavra, nem permita que ele participe de preces ou de holocaustos, ou receba a água lustral. Que todos se afastem dele, e de sua casa, porque ele é uma nódoa infamante, conforme acaba de nos revelar o oráculo do deus. Eis aí como quero servir à divindade, e ao finado rei. E, ao criminoso desconhecido, eu quero que seja para sempre maldito! Quer haja cometido o crime só, quer tenha tido cúmplices, que seja rigorosamente punido, arrastando, na desgraça, uma vida miserável... E se algum dia eu o recebi voluntariamente no meu lar, que sobre mim recaia essa maldição e os males que ela trará! Eu vos conjuro, cidadãos! Atendei a tudo o que vos digo, por mim, pelo deus Apolo, e por este país que perece na esterilidade e na cólera divina! Ainda que essa purificação não nos fosse prescrita pelo deus, não seria possível deixar que a cidade continuasse poluída, visto que o morto era um homem bom, e era o rei!” (Sófocles, p. 10)*

4.1 O que Deus pretende afirmar ao conduzir a perpetuação da espécie humana com a particular violência que vimos no capítulo anterior?

Que possibilidade tem o homem-macho sozinho de tornar qualquer coisa perpétua, afinal? Certamente não a partir de seus corpos. Cabe a pergunta se Adão é quem gerou Eva a partir do seu corpo, pois é demasiado específico que aquilo que ocorre na vida prática seja simetricamente o oposto.³⁴ (Informação verbal)

A psicanalista Karen Horney (1991) afirma: “Da perspectiva biológica, porém, a mulher tem na maternidade, ou na sua capacidade para ser mãe superioridade fisiológica indisputável e jamais desprezível, o que, no inconsciente da psique masculina, se reflete com bastante clareza na forte inveja da maternidade sentida pelo menino.” (p. 57) Como *perspectiva biológica*, podemos acrescentar a inveja de um corpo que produz potência e diferença. (Informação Verbal)³⁵, acrescenta-se travestis, homens-trans, e todo o corpo que fere o poder patriarcal por não seguir

³⁴ Conversa com Fernanda Mielniczuk de Moura Silveira

³⁵ Conversa com Carolina Maciel Tocchetto. Segundo Carolina, o medo masculino despertado pela potência da maternidade está fortemente implicado nos valores patriarcais ocidentais.

suas prescrições. Horney (1991) adiciona que há um vasto campo para a sublimação dessa inveja, e que ela “certamente funciona como uma das forças motrizes, senão a essencial, no estabelecimento dos valores culturais” (p. 57).

Segundo Casilda Rodríguez (2010), a motivação de Jocasta ao entregar Édipo para a morte fora a salvação do poder do marido, a salvação do patriarcado. Os Oráculos, personagens que dão vida a essa máquina de subjetivação do complexo de Édipo, preveem que o filho do Rei Laió irá matá-lo e desposar Jocasta. A mulher entrega o filho à morte “Pues la mujer debe anular su sexualidad, su deseo materno hasta donde haga falta, si es preciso hasta matar a la criatura que ha gestado y parido, para entregar su cuerpo en exclusiva al marido.” (Casilda Rodríguez, 2010 p. 17)

O parancó Laio, cuja previsão do oráculo torna-se um alibi para sua irremediável fragilidade, teme a perda do seu poder. Não apenas pelo risco de perder Jocasta, ou a própria vida, mas teme a força do binômio Mãe-Bebê. Um poder que, para Laio, é desconhecido, infamiliar. Mãe-bebê é o próprio corpo enquanto diferença e carrega uma potência que ameaça Laio. A separação do binômio Mãe-Bebê pela violência, em nome das paranóias de Laio e do temor do patriarcado, é conjugada na operação Nome-do-Pai *como interdição*.

A ideia de uma instância que precisa de um corte, visto que as mulheres comerão seus bebês vivos para tê-los novamente encerrados em seu abdômem, vem com a máscara de salvar os sujeitos reféns dessa Mãe-Natureza. No entanto, ao fundo, o Nome-do-Pai vem para salvar o próprio Pai. Um Pai que teme que a *diferença* o aniquile totalmente. Separa Mãe-Bebê através da violência, a fim de garantir o caráter patriarcal da transmissão. Sequestra o poder da maternidade de tornar a vida perpétua enquanto diferença e repetição, para, de maneira invejosa, reivindicar um poder de criação da cultura. Desse modo, o patriarcado, ainda que o Pai esteja morto, segue vivo e eternizado dentro do filho.

O corpo de Laio opera mesmo em sua ausência, visto que ganha um caráter de Totem. As minúcias sobre a sua morte retornam quando Édipo é soberano. Os deuses alertam que Tebas está assolada pela desgraça, visto que não fora desvelado quem matara o antigo Rei. *As mulheres de Tebas estão a partir com dor* (Sófocles), uma vez que os deuses estão punindo a cidade toda

pelo assassinato de Laio. O suplício de Tebas pela morte de seu antigo soberano é como o pecado original que cada ser encara ao nascer. Todos sofrerão, as mulheres parirão com dor, pois Eva mata Deus ao comer do fruto proibido, também cometendo um parricídio. É na sua própria morte que Deus assume um caráter perpétuo, porque existe apenas enquanto houver o pecado. Deus nasce morto para assumir uma vida particularmente infinita.

4.2 É necessário deixar de lado uma perspectiva homogênea e dual de vida e morte para entender como Deus opera, porque, quando se trata dessa criatura, vida e morte são instâncias altamente porosas, carregam uma continuidade complementar e paradoxal. Deus nasce no momento em que morre, uma vez que todos assumem a culpa de sua morte. Não é a humanidade que nasce de tal parricídio, mas antes a idéia de parricídio (pecado, queda) que dá vida a Deus.

Há algumas interpretações da morte de Deus que resvalam quando pensamos em Deus como Totem. Seu cadáver será sempre um território político que nos leva a mais perguntas do que respostas: O que fora cultivado no cadáver? Aonde Deus está morto tem luz o suficiente? Ou queremos cultivar plantas de sombra? Estamos cultivando algo, ou estamos hipertrofiando o terreno? Deus é o único lugar onde florescem as coisas? Ou seria Deus uma ficção de uma totalidade inexistente de terrenos? A morte de Deus será sempre o retorno do amor do Pai e a produção de uma interdição pelo suplício? O cadáver de Deus será sempre um Totem? Ou a própria idéia de "sempre" é a que compõe Deus como *máquina*?

O que floresce de seu cadáver é um território ético. O que importa são as flores. Aqui podemos falar de plantas famintas de poder (que são a própria continuidade de Deus no Homem Livre e no Observador Neutro), de Deus enquanto uma travesti, uma criança, uma mulher negra, um trabalhador informal. Peço que não percamos a linha por tantas perguntas levantadas. As faço necessárias nesse momento, para termos no horizonte de nossa leitura que, apesar de Deus reivindicar o lugar de *único* criador desse mundo, a realidade é composta por infinitos protagonistas. Deus é apenas *um* deles. Olhemos agora para Deus enquanto Totem, para uma morte que indiferencia-se do nascimento, tendo em vista que, ainda que seja apenas *um*, está mais vivo do que seria prudente imaginar.

4.3 Deus nunca fora único, nunca fora onipotente, onisciente e onipresente, mas encarna esse impossível de ser todas as coisas ao mesmo tempo para assujeitar seus filhos e filhas a essa imagem e semelhança. Finge ser o Eu-Ideal, mas é a própria máquina do Ideal-de-Eu. Deus ilude com a imagem do seu próprio corpo, fazendo das criaturas vivas seres atrasados, defasados, diante dele, visto que fomos originalmente interditados diante de algo que é mais impossível do que proibido: tornar-se a imagem de Deus. Uma imagem de puro *photoshop*.

A própria Lei que interdita o incesto dá ao sujeito consistência imaginária ao objeto de completude: um imaginário primordial proibido pelo Nome-do-Pai (Laureano & Chaves, 2014). A interdição é o que sustenta a ideia de completude como uma possibilidade. Laio inventa o incesto ao proibi-lo. Deus cria algo que ele mesmo interdita; a ideia de que seremos completos diante de um Outro ao passo que *não devemos* fazer isso, porque quem detém o Outro é o Pai.

A Mãe pertence ao Pai, se os meninos a *tiverem* serão enfim castrados por Deus. Sofrerão a mutilação dos olhos, uma vez que perder os olhos não é apenas ficar cego, *mas perder o olhar do olhar desse Outro, que só reconhece como desejante um sujeito no pecado*. Nessa perspectiva, a cegueira não é assim tão cara. Todavia, a intenção aqui não é perder os olhos de fato, mas *aterrorizar* os sujeitos. Colocá-los diante de uma paisagem ressentida, que é a própria *cegueira branca*³⁶ de José Saramago. É olhar para o branco como se estivesse olhando para todas as cores. Aqui olhar é *amar*. Coloca-se em um mesmo caldo amor e terror, que são instâncias que definem a relação com Deus. Aquele que olhar para os lados, para cima, ou apenas olhar de outro modo (amar outro deus, amar de outro modo), terá o mesmo destino trágico de Édipo.

Seu interdito é uma estória de terror contada às crianças para ter controle sobre seus corpos: “*Se dormir tarde, o bicho-papão vem te pegar*”, “*Se comer o fruto da árvore do conhecimento, vai morrer*”, “*Se ver demais, vai perder os olhos*”.

Jocasta, assim como a serpente para Eva, alerta Édipo com sábias palavras:

“De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prever ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A ideia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido

³⁶ Supracitada em “Operação Margem Protetora”

quem tal faça em sonhos... O único meio de conseguir a tranqüilidade de espírito consiste em não dar importância a tais temores.” (Sófocles, p 46)

Sua esposa o alerta de que não persiga esse caminho, *vivemos a lei do acaso*. No entanto, Édipo estava obsedado com desvelar a verdade sobre si mesmo. Percorre os olhos por toda sua vida para entendê-la. Ao *ver demais*, constata que sua vida não passou de um grande crime. Édipo ignora as máquinas que também o conduziram até seu destino e culpa apenas a si mesmo:

“Assim, não consideremos feliz nenhum ser humano, enquanto ele não tiver atingido, sem sofrer os golpes da fatalidade, o termo de sua vida.” (Sófocles, p. 74) nos alerta a “moral da história” escrita ao fim do mito de Édipo: a qualquer instante toda nossa vida pode ser *maculada*, nos tornando cegos por desejar ver demais. A verdade é *florescida* em uma dialética irreconciliável, sem síntese possível, entre mácula e seu negativo imácula: território de paradoxo. O mesmo sítio onde se constituem a ideia do *bem* e do *mal* e a impossibilidade de habitarem um mesmo corpo, uma mesma vida, uma mesma verdade. É como uma viseira, que posiciona o sujeito no paradigma da Puta e da Santa, numa inconstante berlinda, que o joga sempre entre uma *ou* outra. As verdades Mácula (Putas) e Imácula (Santas) são a instituição de modelos totalitários e impossíveis. Postulam-se objetos puros e impuros, dignos e indignos, putas e santas. Desse modo, se dá a colonização da ética dos sujeitos através de uma estética asséptica e ressentida.

4.4 Neste ponto, é preciso trazer um elemento para a matemática do que nos constitui. É preciso considerar o único desejo desinterditado da peça de Édipo: o desejo do pai matar o filho. É preciso ler Édipo a partir dos pecados de seu Pai, que *desejou demais* ao conceber a morte do próprio filho, ao passo que a transmissão matriarcal é interditada pelo Pai, como se ela mesma fosse um “desejar demais” a partir do incesto. Porquanto, Deus entende o *desejo* através de uma perspectiva falocêntrica. O binômio Mãe-Bebê trata de uma sexualidade incompreensível ao patriarcado e esse a proíbe: é como os pudores de uma cultura patriarcal ao ver mães amamentarem bebês em *público*³⁷ (Informação Verbal). Mãe-Bebê é interditado, ao passo que a violência do pai é *digna*, é *pura*. É o pai que espanca para educar.

³⁷ Conversa com Carolina Maciel Tocchetto

As ações de Deus são tão puras, que são os filhos que assumem sua violência. É Édipo quem encarna o desejo filicida de Laio. Opera na identificação com o desejo do pai, como uma verdade que percorre toda sua vida através da *culpa*. O suplício de Édipo oculta e dá vida ao desejo filicida de seu Pai. Édipo entra no jogo do *puro* e do *impuro* para salvar o patriarcado.

Reparemos en que Edipo mata a Laio sin saber que era su padre y replicando a su provocación. Qué se casa con Yocasta, sin seducirla ni desearla y sin saber que es su madre. ¿Por qué, si se quería hacer a Edipo culpable, se le presenta lleno de buenos sentimientos y compasivo, trasgrediendo la ley en el desarrollo de su bondad, en total ignorancia, y digamos que por una fatídica casualidad? (Casilda Rodríguez, 2010, p. 19)

O próprio Édipo aponta sua inocência em “Édipo em Colono”.

“Digo-te; quando o matei e massacrei agia sem saber. Sou inocente diante da lei, pois fiz tudo sem premeditação.” (Sófocles, p. 134)

Édipo é inocente dos crimes que é acusado, mas *deve ser culpado* para ocultar a máquina patriarcal. *Deve* assumir os desejos do Pai a fim de salvá-lo. Segundo, Casilda (2010):

Edipo debe ser culpable para salvar la Autoridad adulta, para sacralizar el paradigma del padre y de la madre patriarcal, y para ocultar la devastación que producen en las criaturas; y entonces dejar también sepultado en la oscuridad el origen del malestar y del sufrimiento de las criaturas humanas, a lo largo de su conversión en individuos patriarcales. (p. 24)

A maldição de Laio e dos deuses monocromizam e purificam os mais diversos desejos de Édipo. Por mais coloridas que percebamos suas vontades, até mesmo *bem-intencionadas e bondosas*, elas o conduziram fatalmente à transgressão, ao crime, ao parricídio e ao incesto. Mais do que isso, a maldição de Laio torna *necessário* que as atitudes de Édipo tenham sido bem-intencionadas e bondosas e que, ainda assim, elas o levaram à tragédia. É a estratégia de dominação que coloca o sujeito invariavelmente na máquina do pecado, visto que o ressentimento inventa o *inocente* para afirmar o *pecador*. *A exceção para afirmar a regra, que torna todo o sujeito um homo-sacer de si mesmo.*

4.5 A tragédia de Édipo marca uma transformação política na Grécia Antiga: a mediação de valores democráticos (Santos, 2005) através da sacralização da propriedade privada dos

Patriarcas, os Homens-Livres. Segundo Agamben (2014), “o termo *parricidium*” indica, na origem, o assassinio de um *homem livre*” (p. 74). Por homem livre, entende-se aquele que está aquém de uma vida natural (*zoe*), que faz parte de uma vida particularmente elevada da natureza: a vida política (*bíos politicós*). O termo “parricida”, para indicar assassinato; demonstra etimologicamente a exclusão de seres não-homens-livres da máquina político-jurídica. Escravizados, mulheres, estrangeiros, seres que não eram considerados cidadãos dentro da democracia Ateniense, eram excluídos da vida política.

A operação de parricídio incesto é a internalização do latrocínio como interdição psíquica, pois as Jocastas, criados, palácios, cidades, territórios, são as posses do Patriarca (Costa, 2018). Aqui é preciso ler o Patriarca como um Soberano Familiar. O complexo de Édipo, nesse ponto já poderia ser chamado de complexo de Ford, uma vez que é uma linha de montagem que, com pretensa repetição e equivalência, media e produz o sujeito-proprietário que existe a partir de um *sujeito-posse (sujeito-objeto, sujeito-instrumento)*.³⁸

A coexistência, aparentemente contraditória, da Declaração de Independência dos Estados Unidos com a escravização de negr@s african@s ganha circularidade e forma na instrumentalização e mercantilização de uma vida-Natural (*zoe*), que está excluída de qualquer vida-Política (*bio*), excluída de qualquer independência. Na Declaração, os negros africanos são entendidos como *propriedade privada* dos Homens-Livres. Os sujeitos-propriedade são as bases consagradas e invioláveis do capitalismo e da democracia, como sofisticação e distribuição do poder soberano.

O próprio caráter democrático é transmitido como um interditor simbólico da disputa entre homens-livres, soberanos sob suas propriedades. O poder soberano sobre os corpos é distribuído entre os patriarcas, instituindo uma categoria política de uma *raça* elevada, uma aristocracia burguesa. A partir dessa perspectiva, toda democracia é aristocrática. As chamadas “crises da democracia” são apenas movimentações, ou algumas restrições, aristocráticas. A democracia em “crise” é o fundamento dos Estados de Exceção como continuidade, e não um intervalo entre democracias.

³⁸ O termo “patrimônio” tem o origem na palavra “pater”, que significa literalmente “pai” em latim.

A disputa de propriedades entre os Homens-Livres, o livre mercado, é mediada como interdição ao latrocínio. Internaliza-se a jurisprudência de uma democracia emergente através da ideia do Sujeito-Universal (Homem Livre) como um Ideal-de-Eu.

4.6 “quem quer que haja sido o assassino do rei Laio bem pode querer, por igual forma, ferir-me com a mesma audácia.” (Sófocles, p. 7)

Na passagem, Édipo encarna ele mesmo o pai-paranóico. Assim como Laio, Édipo é autor e temerário de sua própria morte. O personagem neurotiza ao aceitar o Pai como Ideal-de-Eu *puro, digno*, ao passo que aceita a Mãe como propriedade privada desse Pai. *O complexo de Édipo é sobretudo a transmissão da soberania como patriarcado através de um Ideal-De-Eu Puro.*

“o não/nome-do-Pai pensado como “desejo puro” (Lacan, 1957-1958/1999 p. 432) termina por instituir o objeto impuro que assombra o sujeito no superego. Em ambos os casos, a divisão no Outro, a impossibilidade de atingir um gozo pleno e a impotência da Lei em proibir o objeto incestuoso - é inteiramente assumida pelo próprio sujeito.” (Laureano & Chaves, 2014, 338)

Diante de modelos puros, todo sujeito é pensado a partir de uma homogênea impureza tão absoluta quanto seu oposto. A divisão do Outro coloca um dever superegóico, que joga os sujeitos no abismo da dialética irreconciliável, em direção a uma pureza impossível. Esse movimento carrega o suplício no seu fundamento. É através da punição que os sujeitos serão reconhecidos como desejanter e provarão seu valor diante de Deus. A operação afirma um mito de divisão do Outro em partes que violentam-se entre si e um sujeito cuja natureza é o pecado. O sujeito identifica-se com o Outro enquanto mácula.

A onipotência impossível com que age o Espírito Santo pertence a ordem de algo que fora interdito aos humanos ao entrar na cultura patriarcal. Primordialmente, conjuga-se em uma cadeia de castigos e repetições, que vêm de Lúcifer, passando por Eva: seres que quiseram ser iguais a Deus. Entretanto, operação de interdição inaugura aquilo que interdita: a ideia de onipotência como possível, a ideia de completude. O paraíso é inventado quando é interdito. O Jardim do Éden só existe a partir da expulsão de Adão e Eva. Deus só existe a partir dos

pecadores. O incesto só existe a partir da *paranóia* de Laio de ter um *igual*. O Ideal-De-Eu da regra é ser a sua exceção.

4.7 Aquele que não se certificar de tornar-se ateu-frágil, crente na descrença dos modelos transcendentais antes de colher flores do cadáver de Deus, corre riscos de apenas hipertrofiar seu cadáver enquanto Totem: Ciência, Homem Branco, Propriedade. Porquanto, Deus nasce do próprio suplício e só existe enquanto há lei que o institua como puro e homogêneo. Está na prece, no lamento, nos pedidos que clamam sua presença. É um pai que, antes de sair para comprar cigarros, deixou para trás uma infinidade de promessas e deveres a-manter-se vivo no lamento dos abandonados. Édipo é homo-sacer para que Laio seja soberano. Jesus, ao ser crucificado, encontra-se sob uma dupla exceção: frente a Lei de Deus e a Lei dos Homens. Morre na cruz para servir de Ideal, que consagra Deus e os Homens, e Deus *como* Homem: *o soberano*.

A interdição pelo suplício dá vida ao próprio Deus, como alguém que tudo pode, a partir de seus filhos pecadores por natureza, como aqueles que *desejam demais*. Desejar demais, no caso, é desejar ser o próprio Deus. Abandonar tal “excesso” é retirar o desejo da soberba posição rebelde de um Eu Ideal para colocá-lo no humilde horizonte obediente de um Ideal de Eu a inculcar culpas por incompletudes (mas sempre com o objetivo final de sentar ao seu lado quando se der o fim dos tempos).

4.8 Assim como Édipo-Rei, a estória de Jesus é uma estória sobre filicídio. Deus é o filicida, mas é Jesus quem sobe na cruz em Nome do Pai, assumindo seu desejo. O sujeito edípico cristão é inventado a partir do desejo de um Pai onipotente e filicida. A ideia de filicídio está associada ao ressentimento, como um desejo de ser o *único*, e interditar e inventar o desejo de ser como Deus a partir da própria proibição.

O sinal da cruz “Nome-do-Pai, do filho e do Espírito Santo” oculta o Nome-da-Mãe nas operações culturais ocidentais. Pretende garantir que, dentro do mito familiar, a perpetuação do poder ocorra de modo ao Deus-Pai, que invejosamente reivindica também, através dessa ocultação, o lugar *único* de Criação.

Aqui Nome-Da-Mãe é a própria diferença para o Pai ressentido. No entanto, existem muitas outros nomes ocultados: Nome-da-Negra, Nome-da-Árabe, Nome-Da-Travesti,

Nome-Da-Santa-Puta, Nome-Da-Parteira, Nome-Da-Orixá, Nome-Da-Lésbica, Nome-Da-Psicótica, Nome-Da-Empregada-Doméstica, Nome-Da-Travesti-Mãe-Puta-Psicótica. Deus oculta as mais diversas operações culturais, modos diversos de nos inserirmos na linguagem, para reivindicar-se como pronome definido de um substantivo indefinido. O Deus, ou simplesmente “Ele”(sêmpre maiúsculo), não possui nome próprio, porque é o próprio universo e nem se deve ousar dizer que não é único (*Um* deus). O Homem (sempre maiúsculo) é referido para expressar pretensa totalidade daquilo que seria a humanidade, e não uma parte dela.

Lacan (2005) passa a falar em “versões do Pai”. Ainda que uma das versões que o psicanalista afirma seja a da interdição, o nome “Pai” já se torna obsoleto para uma psicanálise que não se limita mais ao mito paterno. A pluralidade das versões trata justamente de mostrar a inconsistência de uma metáfora única. Usar o mesmo nome (ainda que no plural) não seria justamente reafirmar que uma multiplicidade infinita de existências tenham um mesmo significante? Se o sujeito é compreendido por uma série múltipla de parentescos, usar o mesmo nome não reforça (ou confunde) a ideia do *um* que inventa ao passo que interdita um *tudo*?

4.10 A ficção do Outro como Tudo parte daquilo que considero o território mais tensionado e bem colonizado por Deus: o território das verdades, o qual ganha nome no aspecto da *onisciência*. O montante intrinsecamente frágil que Deus insere sob esse chão infinitamente fértil e variável é a mais cara operação de Deus.

Colonizar as verdades é colonizar o *corpo*(*Natureza*) e a *alma*(*Razão*) através da própria divisão dos seres a-esse modo. É colonizar os significantes a uma identidade imaginária que não permite a variação de significado. Aquilo que Nietzsche chamou de doença, a consciência hipertrofiada é a própria hipertrofia do cadáver natimorto de Deus. O privilégio da alma-Razão sob o corpo-Natureza é o paradigma central da operação de Deus como tentativa de *dominação absoluta*. Aqui os significantes variam, no entanto, estão todos presos ao Deus-Ressentido:

Alma-Razão-Ordem-Pai-Homem-Branco-Europeu-Santa...∞

Corpo-Emoção-Caos-Mãe-Mulher-Negra-Estrangeira-Puta...∞

A relação constitui a dimensão da dominação de si e a dimensão da dominação do *outro*, que determina um campo de alteridades possíveis dentro dessa cadeia de significantes. Jesus Cristo é o ideal de uma sutura entre essas oposições. É o legítimo corpo-alma enquanto unidade, um momento anterior que confirma a regra da divisão dos sujeitos, colocando-a como ideal. A condição Sacra e elevada de um corpo crucificado de Jesus dimensiona-se no "Cristo" (Ungido), que significa aquele cujo corpo fora perfurado.

A antropofagia do rito da comunhão católica, ao ingerirmos o corpo (pão) e o sangue (vinho) de Jesus Cristo, é o que nos eleva a satisfação de um gozo interdito, que reforça a idéia de completude através dessa *comunhão em um só corpo*. Porque a máquina ressentida é, sobretudo, a colonização e a fratura como marca do dever sobre o *amor*. O rebanho é um só corpo crucificado, mutilado, dominado. Só seremos elevados à condição de Deus quando perfurarmos os nossos corpos, dominá-los, adequá-los, crucificá-los.

A ficção do rebanho é que ele é o próprio corpo de Deus. Deus é o laço pela interdição daquilo que é colocado como impossível. As alteridades podem sofrer quatro operações verificáveis na *comunhão em um só corpo*:

1 - Alteridade da Assimilação: assujeitamento, embranquecimento, viriocracia, conversão. Elevar os sujeitos ao caráter de Alma-Razão-Ordem-Pai-Homem.

2 - Alteridade da Exotificação: é o ponto em qual o *outro* está colocado na posição de um Estrangeiro para marcar a consistência da identidade Ressentida como aquilo que *não é*, dada a oposição frente Alma-Razão-Ordem-Pai-Homem. É o ponto de projeção da violência e hiperssexualização, em que o Corpo é puro *devir*. O outro emerge da incompatibilidade do Eu com o Ideal-de-Eu.

3 - Alteridade da Objetualização: o *outro* carrega a passividade de uma ferramenta e de *meios* para qualquer fim da Alma-Razão-Ordem-Pai-Homem. É frequentemente encarnado na ciência.

4 - Alteridade do Aniquilamento: o próprio desfazimento do corpo do *outro*. O encontro com a morte do corpo, podendo ou não ser seguido de um esquartejamento.³⁹ (Informação Verbal)

Todas as operações de *comunhão em um só corpo* são complementares. Coexistem em um mesmo gesto, em um mesmo sujeito. Todas são Assimilação, Exotificação, Objetualização e Aniquilamento ao mesmo tempo e a conjugação de uma Necropolítica: a instrumentalização dos corpos em suas mais variadas potências ressentidas.

4.6 Isso nos leva a encarar um paradigma ético-estético de tecnologia e ciência. A que fim serve a tragédia de Cristo? Para onde nos leva a tragédia de Édipo?

Ao afirmar um complexo baseado em uma tragédia como ontologia *única* do sujeito, não estaremos produzindo (ou reforçando) que a própria vida seja ela mesma uma peça trágica? Ou será tal tragédia antes tomada como uma estratégia para domar o trágico em dócil obediente?

Como diferenciar a dimensão *verificável* de uma teoria? Em que ponto ela é observável? Em que ponto ela torna-se fidedigna? Talvez no ponto em que para ganhar o caráter científico ela precise ser *digna*. A ideia de *verdade* e realidade como *todo* é produzida na onisciência: não existem verdades alheias a Deus. Seu olhar é o inventor da realidade. É o olhar de Deus quem decide qual objeto será *digno* de ocupar um lugar na superfície da Terra e qual será indigno e exilado. A onisciência irá produzir a verdade a partir do *bem e do mal*, daquilo que é *digno* de ocupar lugar privilegiado de verdade. Irá produzir um acesso interdito a uma realidade inventada.

Quando assumimos que existe um objeto inteiro a ser desvelado, não estamos procurando o próprio Deus? E, desse modo, não haveríamos de sempre encontrá-lo? Não estariam os observadores inventando Deus ao colocar os objetos como indignos de serem eles mesmos criadores de si? Não estariam reivindicando o lugar de único criador desse mundo? Segundo Laureano & Chaves (2014):

“a ideia de interdição não era apenas limitada em sua potência de destituir o imaginário, mas terminava por *reforçar o fantasma imaginário que ela deveria interditar*. Isto é, Lacan percebe que a Lei interpretada como interdição *produzia*

³⁹ Conversa com meu orientador Luís Artur Costa.



o próprio problema que ela deveria resolver e que, portanto, falhava em seus próprios pressupostos.” (p. 6)

Lacan percebe que a exceção interpretada confirma a regra, confirma os modelos. Interpretar é *produzir* máquinas, porque *ver* é inventar. Descobrir é inventar. *Saber* a verdade sobre o Édipo é inventar a verdade. Édipo dá vida a tragédia com seus olhos, após isso arranca-os com a intenção de nada mais produzir além da maldição de ter um pai que o quer morto.

Que outros olhares tinha Édipo sobre si mesmo? Quantas verdades podem habitar um só corpo? Fazer ciência é fazer mundos. Olhar não é descobrir o mundo e desvelar platonicamente a verdade, mas inventar o próprio mundo, porque os olhos são eles mesmos criadores. Que mundo estamos inventando? Que efeitos nossas teorias estão tendo sob os sujeitos? Pensando assim, “utilitarista” nem parece uma acusação tão pejorativa, pois toda a teoria é uma ferramenta (Foucault, 1984)⁴⁰ a ser utilizada.

4.7 Aqui vamos propor um outro *mito fundador* para entender o paradigma ético das teorias como caixas de ferramentas. O momento em que hominídeo Sentinela-Da-Lua depara-se com a *primeira ferramenta* no livro “2001: Uma Odisséia no Espaço”:

“(…)Sentinela-da-Lua ficou a olhar para eles, balançando-se hesitantemente para a frente e para trás, esbofeteado por impulsos que não podia compreender. Depois, como num sonho, começou a vasculhar o chão – embora não tivesse podido explicar para quê, mesmo que possuísse o dom da palavra. Reconheceria o que procurava quando o visse. Era uma pedra pesada e pontiaguda, de cerca de quinze centímetros de comprimento, e embora não se ajustasse perfeitamente à sua mão, serviria bem os seus fins. Quando fez a mão rodar, espantou-o o seu peso subitamente maior, mas, ao mesmo tempo, teve uma agradável sensação de poder e autoridade.

Começou a andar na direcção do javali mais próximo. O animal era jovem e descuidado, até para os pouco exigentes padrões da inteligência dos javalis. Embora observasse Sentinela-da-Lua pelo canto do olho, só o levou a sério demasiado tarde. Por que haveria de atribuir intenções maldosas àquelas criaturas inofensivas? O javali continuou a escavar a erva até o machado de pedra de Sentinela-da-Lua lhe escurecer a obscura consciência. O resto da manada

⁴⁰ Quem fala nas teorias enquanto ferramentas é Gilles Deleuze em conversa com Michel Foucault. No entanto, Foucault está como autor do livro citado.

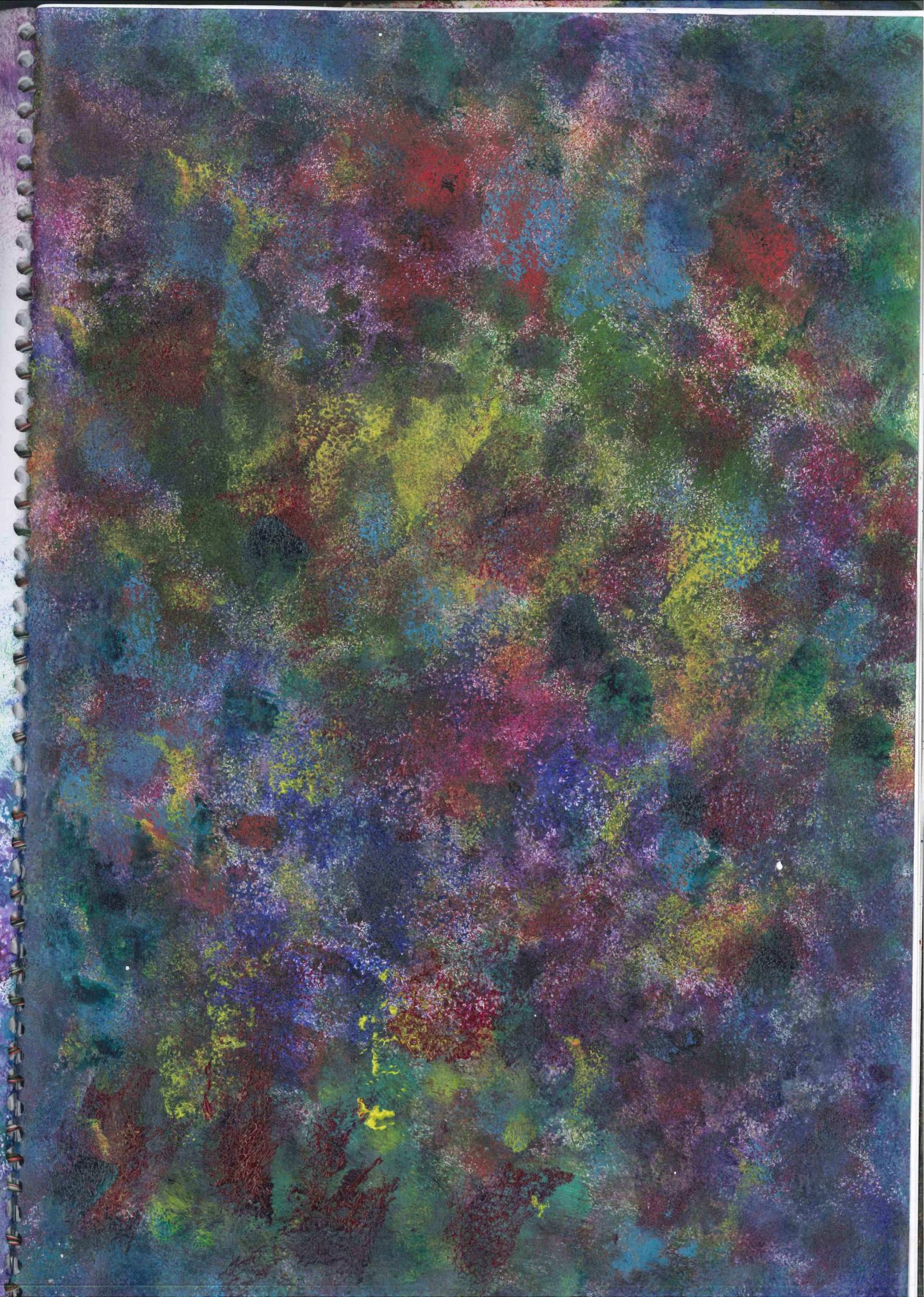
continuou a pastar calmamente, pois o assassinio fora rápido e silencioso.”
(Clarke, 2013, p. 47)

A que e a quem as ferramentas estão sendo úteis? De que modo atuamos com elas na produção de coletivos? Que estilos de viver estamos afirmando? Não estaremos usando tecnologia e ciência como Sentinela-Da-Lua usou a pedra pesada e pontiaguda? A fim de dominar e aniquilar o *outro*? A fim de produzir uma vida *elevada* que segrega e hierarquiza aquilo que é considerado *humano* e *não-humano*?

Que lugar as ferramentas ocupam nesse mundo? Existe um mundo para ocupar? Ou seria sempre mundo entre infinitos mundos? Ferramentas entre infinitas ferramentas? Deuses entre infinitos deuses?

A maior invenção de Deus é aquela que incide sobre o *infinito*. Deus inventa que o brincar de “faz de conta”, um dia, dá lugar a realidade adulta. Essa realidade digna e bem entendida. Bem... essa é uma invenção *indigna*, uma *mentirinha* muito da mal criada. Viver sempre será inventar. É por *fé* que digo isso. É por *crença* que escrevo. Não subestimo a fé em nenhuma linha sequer desse escrito. Se um mundo diferente é o que se quer, tenhamos fé na diferença. Fé no infinito, fé nas cores.

Cores entre infinitas cores.



Referências Bibliográficas:

Adorno, Tw & Horkheimer, Max. (1985) Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Agamben, G. (2010) HOMO SACER: O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Bíblia, A (2015). In: Bíblia. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Salt Lake City, Utah, EUA. Disponível em: <http://media.ldscdn.org/pdf/lds-scriptures/holy-bible/holy-bible-83800-por.pdf>

Bruna de Lara (2019). Ministério da Saúde quer fingir que não existe violência obstétrica. Esses relatos prova o contrário. The Intercept. 8 de Maio de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/07/ministerio-da-saude-quer-fingir-que-nao-existe-violencia-obstetrica-esses-relatos-provam-o-contrario/>

Bruna De Lara. (2018). Deixei virgencinha pra você. The Intercept. 10 de Setembro de 2018. <https://theintercept.com/2018/09/10/pontodomarido/>

Casilda Rodríguez. (2010). El Asalto Al Hades: La rebelión de Edipo. Imprenta Tamay, Março

Chico Buarque (1978). Geni e o Zepelim. Opera do Malandro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQn7UxB3HJQ>

Clarke, A. C. (2013). Academia. Em: 2001: Uma odisséia no espaço. São Paulo: Aleph. (43-47)

Conselho Federal de Medicina. (2018). Processo Consulta CFM nº 22/2018 Parecer CFM nº 32/2018. Relator: Cons. Ademar Carlos Augusto. Disponível em:
<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2018/32>

Conselho Federal de Medicina. (2019). Resolução Número 2.232, de 17 de julho de 2019. Disponível em:
<https://assets.documentcloud.org/documents/6425534/RESOLUC-a-O-N%C2%BA-2-232.pdf>

Costa, L. A. (2018) O (des)apropriado juízo da propriedade de posse: um delírio distópico ficto-jurídico em tempos esquizo-neuróticos. Em: A hora do pesadelo: paixões distópicas em educação. Porto Alegre: Sulina. (p. 107-132)

Deleuze, G. (2006) Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Durrenda Ojanuga. (1993) The medical ethics of the 'Father of Gynaecology', Dr J Marion Sims. Journal of medical ethics; 19: 28-31. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1376165/pdf/jmedeth00286-0030.pdf>

Estados Unidos Da América, Declaração de Independência dos Estados Unidos da América. Disponível em:
<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>

Estados Unidos da América., Constituição Dos Estados Unidos da América. Disponível em:
<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/ConstituicaoEUAREcDidaPESSOALJNETO.p>

Foucault, M. (2005) Aula de 17 de março de 1976. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, p. (285-315)

Foucault, M. (1984) Os intelectuais e o poder. Em: Microfísica do poder - Rio de Janeiro: Edições Graal.. (p. 69-79)

Freud, S. (2019) O Infamiliar. Em: O infamiliar [Das Unheimliche] – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de O homem da areia de E. T. A. Hoffmann. São Paulo: Autêntica p. (27-127)

Freud, S. (1996) Totem e Tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago.

Gaza: human shields. (2015) Direção: Ashraf Mashharawi. Produção: Media Town,. Disponível em:<https://www.aljazeera.com/programmes/aljazeeraworld/2015/08/gaza-human-shields-150811103225743.html>

Giocchia, O. J. (2001) *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos,

Hoffmann, E. T. A. (2019) O Infamiliar. Em: O infamiliar [Das Unheimliche] – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019): Seguido de O homem da areia de E. T. A. Hoffmann. São Paulo: Autêntica, (p. 219-265)

Karen Horney. (1991) A fuga da feminilidade. Em: Psicologia feminina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Kirtland, J. (1925) The geographical lore of the time of the crusades; a study in the history of medieval science and tradition in western Europe. Nova York. Disponível em: <https://archive.org/details/geographicallore00wrig>

Lacan, J. J. (2005). Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Miller, J.-A. (2000). Os seis paradigmas do gozo. Opção Lacaniana, n, 26/27, p. 87-105.

Laureano P. S. e Chaves W. C. (2014) Elevar a Coisa à dignidade dos objetos: a política de Lacan entre a proibição e o impossível. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 46.2, p. 330-350.

Maria Aparecida Silva Bento. (2002) BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL. Em: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

Mbembe, A. (2016). Necropolítica. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ | n. 32 | dezembro P.123-151

Mbembe, A. (2014) Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona Editores Refractários.

Morgan, E. S. (2000) Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. Em: Estud. av. vol.14 no.38 São Paulo Jan./Apr. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n38/v14n38a07.pdf>

Nietzché, F. (2001). Crepúsculo dos Ídolos ou A Filosofia a golpes de martelo. Curitiba: Hêmus

Pabla Perez San Martín. (2015). Manual de introdução à Ginecologia Natural. Ginecosofia Ediciones.

Sáid, E. W. (1996) Crise. Em: Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Editora Shwares LTDA. P. 102-119.

Santos, A. (2005) A tragédia grega: um estudo teórico. Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária.

Saramago, J. (1995). Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia Das Letras.

Saramago, J. (1991). O Evangelho Segundo Jesus Cristo. São Paulo: Companhia Das Letras.

Silva, D. N. (2019) "O que foi a Revolução Americana?"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-revolucao-americana.htm>. Acesso em 13 de novembro de 2019.

Sims, J. M. (1883) A fortunate discovery. Em: *The Story of My Life*. Nova York: D. Appleton and company., (234-235).

Disponível em: <https://archive.org/details/storyofmylif00sims/page/234>

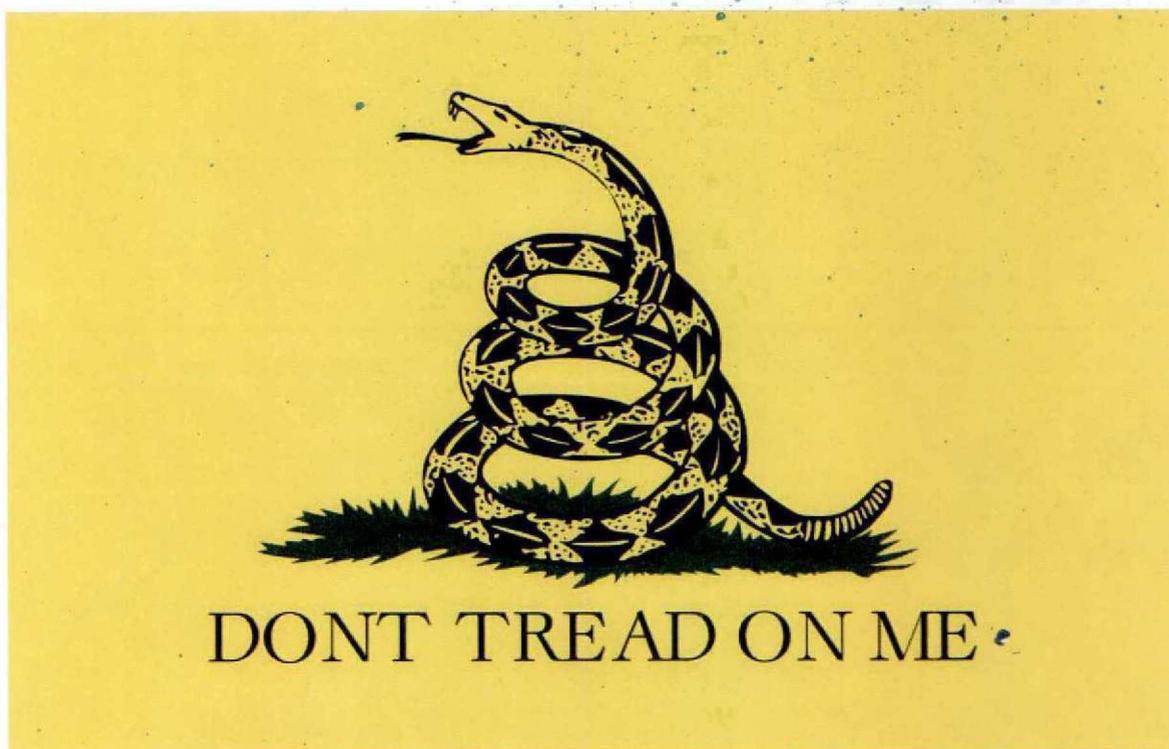
Sófocles. O Rei Édipo. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000024.pdf>

Susan Abulhawa. (2009). *A Cicatriz de David*. Rio de Janeiro: Record.

Wall, L. L. (2006) The medical ethics of Dr J Marion Sims: a fresh look at the historical record. *J Med Ethics*. Jun; 32(6): 346-350. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2563360/>

Anexos:

Anexo 1:



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_de_Gadsden#/media/Ficheiro:Gadsden_flag.svg

Anexo 2:



Fonte:

https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-932380014-veja-2453-civilizacao-contr-o-terror-estado-islamico-_JM

Anexo 3:

WHY DID THIS

TURN INTO THIS?

BECAUSE HAMAS USES CIVILIAN HOMES FOR MILITARY PURPOSES.

ISRAEL DEFENSE FORCES

Fonte: twitter.com/IDF

Anexo 4:



Fonte: twitter.com/IDF

Anexo 5:



Fonte: twitter.com/IDF

Anexo 6:



Fonte:

<https://nossasenhoratodas.blogspot.com/2013/05/n-s-das-gracas-n-s-da-medalha-milagrosa.html>

